

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumário

REDAÇÃO

— *Documentação fotográfica.*

COLABORAÇÃO

JOSE' DE ALMEIDA — *Metodologia da linguagem.*

ANA CAROLINA DE ALMEIDA — *Uma lição de Aritmética.*

CONCEIÇÃO VIEIRA TEIXEIRA — *O interesse na vida da criança.*

ABEL FAGUNDES — *Acérca de livros.*

TRANSCRIÇÕES

S. LIPSZYCOVA — *A criança e o Grupo.*

ERNESTO GALARZA — *A paz pela escola.*

NIETO CABALLERO — *A educação rural no México.*

MARGARIDA M. DE RIVAS — *O trabalho cultural da biblioteca infantil do Chile.*

— *Estatutos da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais.*

REVISTA DO ENSINO

Do Departamento de Educação e Serviço Social

Documentação fotográfica

REVISTA DO ENSINO

(1.º TRIMESTRE -- 1938)

REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

Documentação fotográfica

A REVISTA DO ENSINO, na sua missão de divulgar as realizações do nosso aparelho de educação, publicará as fotografias que lhe forem remetidas pelos estabelecimentos de ensino primário, secundário e normal do Estado.

Para que essas fotografias sejam publicadas, entretanto, é preciso que preencham alguns requisitos indispensáveis, tais como: a) documentarem realizações interessantes, reveladores de esforço e dedicação do professorado.; b) serem recentes, isto é, tiradas em época nunca anterior ao último ano letivo já decorrido; c) serem nítidas e perfeitas; d) trazerem, no verso, a clara indicação de sua procedência e significação.

Muitas fotografias interessantes temos recebido, que têm sido inutilizadas por falta de algum desses requisitos.

As documentações fotográficas de excursões, atividades de clubes agrícolas ou de leitura, de auditórios, de dramatizações, etc., terão preferência sobre as que fixem apenas aspectos estáticos da escola.

A remessa deve ser feita diretamente a esta redação, que se reserva o direito de rejeitar aquelas que julgue sem interesse do ponto de vista educativo.

Metodologia da Linguagem

José de ALMEIDA

A criança, ao ingressar para a escola, tem, quasi sempre, um vocabulário reduzido, e, assim mesmo, de muitos dos termos de que faz uso — não possui o conceito elaborado de modo completo, que satisfaça todas as exigências dos processos psicológicos necessários, para que os possa manejar com exatidão, segurança e precisão.

Duas são, pois, as falhas do vocabulário infantil: escassez e conceito mal elaborado.

Cumpre, ao professor, atender, no ensino em geral, essas duas falhas, de maneira toda especial, pois sabido é que sem vocabulário adequado, difficilmente se poderá expressar, com clareza e justeza, o que se deseja, por faltarem os termos que corporizem as idéias a serem expressas.

A criança procura compensar a pobreza de seu vocabulário fazendo uso de termos como: *cousa, isso, etc.*, que veicula muitas idéias.

Essa deficiência de vocabulário é tanto maior quanto mais atrazado fôr o meio em que a criança vive.

Pior, porém, do que o léxico minguaado, é, sem dúvida, a aquisição de palavras sem o respectivo elemento subjetivo — *idéia*.

As crianças dos meios ilustrados, graças à memoria auditiva, podem, na conversação, empregar palavras, cujo significado nem siquer suspeitam. E' o *psitacismo*, que cumpre evitar, na escola, abolindo o processo de aquisição passiva das palavras, o qual consiste na simples armazenação de termos que são possuidos de modo direto. Por isso é que, ao professor primário, se faz preciso a observância do que escreve G.

Rezzano: "Uma questão digna de esclarecimento, por se prestar a equívoco, é o significado atribuído ao termo *vocabulário*.

As palavras: — vocábulo, nome, termo, devem ser compreendidas no único sentido, em que, atualmente, pedagógicamente falando, é permitido: como sinônimos de símbolos ou equivalentes cerebrais de imagens. que, por sua vez, são equivalentes abstratos de realidades concretas; é ilógico, pois, admitir a existência do símbolo, isto é, do signo cerebral, sem que tenha existido, para o indivíduo, o equivalente concreto.

Toda ou grande parte da educação antiga padecia do grave mal denominado verbalismo; isto é, a existência na mente de vocábulos (signos-símbolos), adquiridos diretamente como vocábulos e não com a resultante de um processo cerebral iniciado pela observação e experimentação.

Em nossos dias, o educador exige que todo termo ou palavra, para se incorporar na mente infantil, venha ou se apresente no momento necessário, quer dizer, quando constitue um como que rótulo correspondente a uma percepção sincrética o que, aliás, pressupõe a observação e a experimentação.

Em muitos casos o aprendiz já tem o termo no cerebro, adquirido, porém, por via puramente verbal, sem que lhe responda imagem integral.

Para esse termo, *aparentemente* usual, é necessário o percurso psicológico completo, a-fim-de fazer passar a imagem, como dizíamos acima, do estado confuso, devido a observação incompleta, ao estado definido, para que haja relação entre o conteúdo real do termo e o conteúdo cerebral individual".

E' exatamente o que já preceituava *Comenio*: primeiro as cousas, o concreto; depois as palavras, o abstrato.

O professor, para evitar o *verbalismo*, deve, fundamentado no conhecimento dessa base psicológica da formação do vocabulário, gizar seus planos de trabalho, no que diz respeito ao caso em aprêço, de acôrdo com as normas metodológicas, traçadas pela *Escola Moderna*.

Daí, a grande importância assegurada pelos processos ativos, na aquisição do vocabulário, e o conselho de, sempre que fôr possível, fazer o professor a revisão das palavras de uso corrente, na linguagem de seus aulistas.

Vimos, pelo exposto, linhas acima, que a palavra é a expressão de uma imagem ou idéia. Todo exercício de vocabulário, deve ter, pois, por principal objetivo associar a cada palavra a imagem ou idéia exata, que a palavra retrata.

Os processos didáticos precisam ser firmados dentro desse quadro científico, que nos é fornecido pela psicologia educacional, sem o que não é possível a posse de um *vocabulário ativo* de uso espontâneo, natural e fácil, na linguagem da criança.

O exposto até aqui é o suficiente, penso eu, para revelar a importância e a utilidade do assunto, sob quaisquer dos aspectos que o encaremos.

"E" a escola primária — escreve uma professora — a encarregada de suprir o interesse intelectual despertado, colocando ao alcance dessa fonte de saber o alimento apropriado para o crescimento do *eu* espiritual. E é esse o maior problema que existe sobre a terra. Só a criança sabe o significado que ela dá a cada palavra, e, muitas vezes, não sabe explicar a idéia que faz de certas cousas.

Mesmo depois de explicados certos termos, esses animais racionais confundem tudo. Em uma lição de história do Brasil, as palavras — *denso*, *antropófago*, *vassallo* e outras, foram devidamente explicadas; dias depois a professora obtem as seguintes respostas: *antropófago é o homem que não enxerga do outro lado*, *vassallo é aquele que vai procurar riquezas*, e *assim as outras palavras explicadas...* Com que presteza responde que *metamorfose é filhinho de sapo*, *pernóstico é o que tem perna comprida*, *velhaço é muito velho*, *brejeiro é o que vive no brejo*, *ave de rapina é a que voa rápido...*

Em uma classe de quarto ano de grupo escolar, os alunos estão fazendo o mapa do Brasil.

— Falta em seu mapa um estado, diz um aluno a outro.

— Qual? já estão aqui todos.

— O estado de sitio você não fez.

Começa a discussão sobre o que seria "estado de sitio".

A professora intervindo:

Não sabem então que é estado de sitio?

— Sei, sim senhora, responde com importância o mais adiantado da classe, — matar e não ter crime...

Quando nos lembramos que muito desses alunos, saindo do quarto ano do grupo, nada mais estudam e serão amanhã eleitores...

Não tendo vocabulário suficiente a criança dá diversos sentidos à mesma palavra, havendo confusão em seu cérebro. Uma pequena mostrou-se admirada diante do retrato de *Gonçalves Dias*, que a professora lhe disse ser poeta, e perguntou: "Como pode ser poeta si ele é branco? poeta não é um grande brasileiro preto?"

Ela aprendera a palavra poeta na história de *Luiz Gama*, e guardara dentro dessa palavra a idéia da cor preta, associada à idéia de brasileiro ilustre.

Não sabendo o significado de certas palavras a criança inventa; assim diz que floresta é uma porção de flores, trabalhador rural é aquele que trabalha na rua, expedir é tirar o pêlo".

Uma professora pergunta em classe que é corpo *transparente*.

— E' o que deixa passar a luz, responde um pequeno.

— Dê um exemplo, pede a professora.

— O buraco da fechadura, responde em ares de sabichão.

Todos esses casos extraídos da vida escolar confirmam, sobejamente, a importância do aprendizado do vocabulário, e a necessidade que tem o professor de realizar, a miúdo, sondagens sobre a associação do *elemento material* da palavra (som e forma), ao *elemento ideativo*, podendo, para isso, valer-se dos testes pedagógicos, adrede organizados com esse objetivo.

Os processos ativos, para este setor do aprendizado da linguagem, decorrem, naturalmente, do desenvolvimento de um *vocabulário ativo*, e não há aquisição mais sólida do que as excursões, trabalhos manuais, jardinagem, visitas, jogos e outras atividades próprias do projeto, centro de interesse ou método de complexo, — criam a *necessidade* da ampliação de um *vocabulário ativo*, e não há aquisição mais sólida do que a feita em tal situação de realidade. As palavras são adquiridas pela observação e experimentação, e, assim, o elemento material une-se oportuna e sólidamente ao elemento ideativo. Este será tanto mais claro e perfeito quanto maior fôr o diâmetro do círculo de experiências operadas pela criança.

Em uma *unidade de trabalho*, por exemplo, que dê ensejo a um visita à agência postal, haverá oportunidade feliz pelas cousas lá observadas, para o estudo do seguinte vocabulário: carta—postal, bilhete — envelope—carteiro—correio—correspondência — estafeta — ambulante — sêlo — carimbo — la-cre — expressa — registrada — mala — caixa — recibo — impresso — agente — funcionário — administração — urgente — reembolso, etc. O aprendizado operou-se em situação global. Compete, porém, ao professor, para melhor progresso do aluno, reservar, no horário, alguns minutos para aulas especiais de vocabulário, quando, então, poderá usar ainda dos seguintes processos: a) formação de palavras pela derivação (conhecimento do radical e emprêgo dos sufixos); b) formação de grupo de palavras pelo significado (sinonímia); c) formação de palavras paralelas (homônimos e parônimos); d) formação de palavras pela ordem alfabética (dicionário de classe). Estes processos facilitam o aprendizado da ortografia, a precisão no emprêgo das palavras e revelam as afinidades etimológicas dos termos.

Os exercícios de linguagem oral ou escrita dão oportunidade para a aplicação do vocabulário, e, assim, sua melhor fixação. Motivos não faltarão à professora para fazer falar a seus alunos. A título de mera sugestão, podemos apontar estes: mandar a criança contar o que viu ao vir para a escola; contar uma história real ou inventada; relatar os acontecimentos do local, ou os de fora, notificados pelos jornais; expôr

aos colegas os resultados de suas experiências, passeios, visitas, viagens, leituras e informações; fazer descrição de um objeto, de uma gravura, de um animal ou de uma planta; fazer explicação de um jogo, etc.

A aquisição de termos abstratos, será facilitada pelo seguinte expediente didático: O professor fará sempre a palavra abstrata associar-se a uma frase concreta correspondente. Exemplos: um mestre justiciero — *justiça*; um menino invejoso — *inveja*; uma senhora caridosa — *caridade*; um colega bondoso — *bondade*, e etc.

Visando a propriedade dos termos, são aconselháveis, entre outros, os seguintes exercícios: a) substituir uma perífrase pelo termo adequado; b) substituir um termo por uma perífrase adequada; c) completar uma frase, colocando a palavra apropriada; d) fazer variar o sentido de uma palavra, pela modificação do contexto; e) substituir um termo genérico por termos particulares, conforme as nuances de pensamento ou as exigências de estilo.

Jâmais poderá o professor, no aprendizado do vocabulário, deixar de atender a estes dois princípios básicos:

I) *Adquirir as palavras com as cousas e com as ações.*

II) *O ensino do vocabulário deve ser vivo e ativo.*

A unidade de trabalho, como dissemos, facilita a observâncias desses dois princípios. Eis um exemplo:

Assunto — *As flores do jardim*;

Motivações — preparar um album de flores, para o museu da escola.

Objetivo — *desenvolvimento do vocabulário.*

Atividades — a) excursão ao jardim; b) dar nome às flores encontradas; c) dar nome às partes componentes das flores; d) desenhar e colorir flores; e) organizar uma lista alfabética (dicionário) com os nomes das flores, das cores e das sementes; f) dar nome aos instrumentos usados pelo jardineiro; g) dar nome às ações praticadas por êle.

Aconselha *Joice*: "O significado das palavras será explicado em conexão com o contexto.

Assim, na expressão o cão se acha em estado doméstico, em vez de se perguntar qual é o significado da palavra *doméstico*, pergunta-se: qual é o estado doméstico do cão? ou quando é que está o cão em estado doméstico? É muito possível que o aluno se encontre capacitado a dar o significado de cada uma das palavras isoladas, que entram em uma proposição e, todavia, não ter mais que uma noção confusa do significado geral da mesma. O processo que recomendamos evitará semelhante resultado, pois o modo de dar o significado das palavras, como expomos a-cima, explica não só as palavras mesmas, como também o sentido geral das passagens em que figuram.

Não se multipliquem os significados. Muitas palavras têm significações diversas; o professor, porém, deve limitar-se a exigir dos aulistas só o significado que tem a palavra na passagem, que se está lendo. Ir mais longe será expôr-se a confundi-los, ou a afastar sua atenção do tema principal da leitura (embora em certos casos seja bom chamar-lhes a atenção para outros significados).

Quanto às palavras que expressam idéias muito abstratas (pronomes, preposições, advérbios, conjunções, etc.) — diz *Aguato* — e que por isso mesmo não podem ser ensinadas por meios intuitivos, o melhor é valer-se de uma explicação clara ou concreta, de uma comparação ou símile, um sinónimo, etc. Para se ter a certeza de que o menino compreendeu bem, deve pedir-se-lhe que empregue a expressão nova em várias orações. *Thorndike* apresenta como exemplo a palavra *a menos que*:

A noite será escura a menos que
 O dia será claro a menos que
 Não sairei de casa a menos que
 Não poderão ler a menos que
 Ela o fará a menos que

O enriquecimento do vocabulário se faz através de todas as matérias do currículo escolar, principalmente quando as aulas são desenvolvidas pelas *atividades intencionadas*.

JOSE DE ALMEIDA.

Uma lição de aritmética

Ana Carolina de ALMEIDA

Matéria de primeira plana, entre as do currículo pela sua larga utilidade, prática e pelo seu grande poder educativo, nem sempre tem ela sido ensinada convenientemente, constituindo mesmo, as mais das vezes, fator primordial das repetições de ano. No intuito exclusivo de colaborar com as colegas, ofereço-lhes o seguinte modesto plano de lições para uma classe de 1.º ano. Norteia-se êle pelos três seguintes itens:

- Que vou ensinar?
- Como vou ensinar?
- Com que vou ensinar?

São três questões que devem merecer toda a atenção dos professores no preparo de seus "planos de lições". E tendo-as observado cuidadosamente, dentro dos limites da pedagogia, podemos afirmar que as lições serão bem ministradas, e que a aprendizagem, forçosamente será boa. E' esta a opinião abalizada de ilustre pedagogo mineiro, e a experiência vem demonstrar a sua exatidão.

Para maior esclarecimento passemos à prática.

Que vou ensinar? — Valor dos números; soma, subtração, multiplicação e divisão; noções de dôbro, triplo, metade, têrço.

Como vou ensinar? — Exercitando bem a classe, gradualmente; a princípio com exercícios orais, depois escritos. Aproveitar todas as oportunidades, passando da soma para a multiplicação, da subtração para a divisão, e assim por diante.

Com que vou ensinar? — Utilizando-me de livros, cadernos, lapis, grãos de milho, jogos e fichas.

“Modelo” de um exercício oral com aplicação imediata no quadro negro: “Vou distribuir com vocês alguns pacotinhos contendo grãos de milho. Vamos ver qual de vocês ficará com o pacotinho que contém mais grãos. O que receber mais ganhará a aposta”.

(Os alunos abrem os pacotinhos).

A — Eu tenho 5 grãos!

B — Eu tenho 3!

C — Eu tenho 10!

D — E eu 6!

“Qual de vocês teve mais sorte e recebeu mais?”

C — Eu! Tenho 10!

“Bem. C ganhou a aposta. Vamos vêr quem recebeu menos?” Qual vale mais, 3 ou 6?” E assim por diante. (Continuando no mesmo exercício) “Vamos ver agora qual de vocês é mais ativo e me responde melhor: A — recebeu 5 grãos; para ganhar a aposta quantos grãos lhe faltaram?” (Haverá quem diga 5 e também quem diga 6, para ter igual ou mais que C). “Pois bem. B recebeu só 3 grãos; para receber igual a A quantos grãos lhe faltaram? — 2. E para receber igual a C? — 7”.

Vamos ao quadro.

A tem 5 grãos, para 10 quantos lhe faltam? — 5 —

Logo:

5 para 10 = 5 ou 10 — 5 = 5. Assim:

10	10 —
5	5
5	5
—	—

Nota importante: Na subtração, como ficou explicado, usam-se simultaneamente os dois processos conhecidos: por subtração e por compensação. Tem isto a vantagem de desenvolver as faculdades do cálculo e raciocínio.

Outro exemplo: — “C tem 10 grãos, dando 3 a D, quantos lhe sobram?” (Faz-se a permuta e manda-se que

contem). Resp. 7 — Logo: — (que deu a D) para 10 (que possuía) restam-lhe 7 ou 10 — 3 = 7.

Outro: — “D possuía 6 grãos; tendo recebido mais 3 de C, com quantos ficou?” (6 mais 3 = 9).

Outro exemplo: — Distribuir com os alunos grãos de milho ou outros quaisquer. Primeiramente 4 grãos para cada aluno.

Mandar que os alunos façam sobre suas mesas os grupos que puderem conseguir com os 4 grãos.

A formou assim:

B formou assim:

C formou assim:

D formou assim:

Comentar os resultados obtidos e escrevê-los no quadro com os seus respectivos valores. Passaremos logo à multiplicação e à divisão: “Em 2 grupos de 2 grãos de milho cada um quantos grãos teremos ao todo? — 4” “Dividindo-se 4 grãos de milho entre 2 meninos, quantos recebe cada um?”. Fazer o mesmo exercício com cadernos, pilhas de livros, etc. Aproveitadas assim todas as oportunidades, teremos somado, subtraído, multiplicado e dividido; desdobrado, finalmente, o ensino em cada uma das questões indicadas no plano de lições, consegue-se, ao mesmo tempo, a verdadeira finalidade do ensino de Aritmética: raciocínio e cálculo mental.

O ensino de aritmética é um encadeamento de conhecimentos. Para ser bem ministrado, não é preciso seguir a ordem que notamos nos compêndios. O que é importante é a dosagem, por assim dizer: partir sempre do mais simples e ir graduando progressivamente, a par com o progresso verificado na classe, tendo-se em vista que cada conhecimento novo prende-se a outro já adquirido. Assim, tendo-se registrado no quadro as várias combinações feitas pelos alunos: poderemos desenvolver-lhes o raciocínio com o seguinte exercício:

Exemplo:

“Tenho aqui 10 palitos. (Mostra-os). Vou dividi-los em 2 grupos diferentes. (Fecha-os nas mãos). Na mão direita tenho 7; quantos terei na esquerda?”. — 3 — Logo: .

Virão, oportunamente, problemas, progressivamente, graduados, porém, sempre com os característicos exigidos pela pedagogia: simples, reais, dentro de situações conhecidas e tendo sempre em vista, repito — o desenvolvimento do raciocínio e do cálculo mental.

Fugindo-se sistematicamente das questões abstratas; encaminhando-se a matéria de modo que o ensino gire em torno de fatos conhecidos das crianças; tirando-se os dados de sua própria vida no lar, na escola ou na classe, ou de fatos ocorridos na localidade, conseguiremos fazer surgir entre as crianças o amor aos números, questão esta importantíssima em nossos meios escolares. Só assim teremos combatido a indiferença; o tédio que esta matéria oferece, quando é ensinada à margem dos interesses infantis.

ANA CAROLINA DE ALMEIDA

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICA-
ÇÕES CONGÊNERES DOS ESTADOS
E DO ESTRANGEIRO



Grupo Escolar de Carmo do Paranaíba
Alunos que tomaram parte na Comédia—“O copo de Vóvó”.



Grupo Escolar de Carmo do Paranaíba
Depois de um bailado de alunas que tomaram parte na festa de 4 de Agosto,
oferecida à diretora, D. Alice Dionisia Lopes.

O interêsse na vida da criança

Conceição Vieira TEIXEIRA

(Professora do Grupo escolar do Rio Casca)

O interêsse, fator capital de todas as atividades, não só da criança como do adulto, determina todas as nossas ações, é o farol orientador do roteiro de nossa vida. Qualquer ato livre que praticamos, por pequenino que seja, dele depende.

Diz F. de Vasconcelos: "É útil à conservação e ao desenvolvimento da personalidade do indivíduo". Claparède o considera como sintoma de uma necessidade. Dewey o define como atividade unificada, integrada e continuada.

O interêsse corresponde a uma necessidade do organismo. Deve, portanto, partir da criança. Na escola os conhecimentos a serem ministrados são adaptados aos seus interesses naturais, porque o interêsse é, como diz Lourenço Filho, o móvel de toda atividade.

A evolução dos interesses varia de acôrdo com o desenvolvimento mental da criança, com a idade, inteligência, meio e experiência. "Um fato importante, que nos resta ainda assinalar é que os interesses, que, nas crianças mais novas, são idênticos, seja qual for o sexo a que pertençam, pouco a pouco se vão diversificando, conforme se trata de meninos ou de meninas, quando surge a fase dos interesses especiais". (Iago Pimentel).

A PERSONALIDADE DA CRIANÇA E A EVOLUÇÃO DE SEUS INTERESSES

A criança tem necessidade de manifestar seus impulsos e tendências através de seus interesses. Estes constituem

o suporte de todas as atividades, favorecem e acompanham seu desenvolvimento, surgem em determinadas épocas e obedecem a certa ordem, correspondente às diferentes fases do crescimento.

Claparède classifico-os em diversos estádios, subdivididos por sua vez em vários períodos:

1 — *Estádio de aquisição, de experimentação:*

- 1 — Período dos interesses perceptivos, durante o primeiro ano.
- 2 — Período de interesse glóssico, durante o segundo e terceiro ano.
- 3 — Período dos interesses gerais, despertar da inteligência (idade das perguntas, dos 3 aos 7 anos).
- 4 — Período dos interesses especiais e objetivos, dos 7 aos 12 anos.

2 — *Estádio de organização, de apreciação:*

- 5 — Período sentimental, interesses éticos e sociais, interesses especializados, interesses que se referem ao sexo, de 12 a 18 anos.

3 — *Estádio de produção*

6 — Período do trabalho. Os diversos interesses acham-se, eles próprios, subordinados a um ideal, seja simplesmente o interesse de conservação pessoal; porém, não desempenham seu papel sinão pela metade, em relação a este — idade adulta.

Os interesses não são sempre os mesmos. Variam. Causas que de modo algum interessariam ao adulto, são objeto de maior interesse infantil e vice-versa.

A medida que a atividade cresce e se desenvolve, seu objetivo se alarga e conseqüentemente há o desenvolvimento mental do indivíduo. O interesse mantém na criança

o hábito da atenção, o gosto pelo estudo, um nobre amor próprio, o empenho de cumprir o dever. A disciplina mental, que éle provoca, parece irradiar-se por toda a personalidade.

Para ser cultivado deve respeitar: o gosto da criança, as suas preferências e vocações, suas inclinações nativas, que condicionam o interesse espontâneo, sem o qual será impossível obter, quando necessário, o interesse provocado.

A INFLUENCIA DO INTERESSE NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

O interesse relaciona às experiências da criança os conhecimentos novos, produz a continuidade da ação, torna a escola um lugar alegre e agradável, estimula o trabalho.

Arrasto o esforço, identifica a pessoa com os objetivos e os meios necessários à consecução feliz da atividade. "Seleciona as idéias, solda-as ao objeto, cativa a atenção e, na frase de Rein, "abre caminho para a vontade". "Põe em jôgo as potências mais elevadas do homem, cultiva os instintos de curiosidade, de imitação e de apropriação". (Ms. Anísio).

VANTAGENS DO SEU APROVEITAMENTO NA EDUCAÇÃO

O verdadeiro interesse procura identificar o seu com o objeto, idéia ou fato indispensável à realização de atividade. A atividade é necessária ao desenvolvimento das forças inatas que urge desenvolver, e o esforço é que dá expansão a estas forças.

Logo: atividade integrada — significa interesse envolvendo esforço. "A atividade deve ser considerada como o primeiro agente de desenvolvimento.

Póde ser espontânea ou imposta. Só a atividade espontânea é inteira e perfeitamente educativa". (Claparède).

A atividade realizada no desenvolvimento do interesse é a funcional, sob todos os aspectos acôrde com a psicologia da criança. O verdadeiro interesse proporciona grande economia de tempo e energia, desenvolve o pensamento, enriquece as experiências, eleva as idéias da criança, firma sua personalidade e desenvolve a iniciativa.

O PAPEL DA PROFESSORA NO ENSINO COM RELAÇÃO AO INTERESSE

O interesse é sempre dirigido e cultivado pela professora no decorrer dos trabalhos escolares. Quando ela é hábil encontra em todas as matérias do programa pontos de contato que relacionam aos interesses da criança.

A geografia, a história, a leitura, o desenho, as ciências naturais oferecem assuntos apropriados ao verdadeiro cultivo do interesse, indispensável ao desenvolvimento da criança. Se este é o móvel de toda a atividade, precisa ser também o móvel de todo o ensino.

Tratando-se, por exemplo, da geografia, qual a criança que não manifesta interesse para estudar o meio em que vive? Com relação à história acontece o mesmo: haverá algum aluno que se abstenha de conhecer os fatos históricos de sua terra?

Baseando-se nestes exemplos, e em muitos outros que surgem no decorrer do trabalho, podemos desde já concluir que o seu interesse falhará se não houver o estímulo necessária para seu cultivo. Se a professora não mostra os conhecimentos de acôrdo com a mentalidade infantil e deixar de pôr em prática os melhores métodos e processos de ensino requeridos pela necessidade de seus alunos, verá que os resultados obtidos não correspondem aos seus ideais e ao esforço despendido.

CONCEIÇÃO VIEIRA TEIXEIRA



Grupo Escolar de Carmo do Paraná
Alunos que tomaram parte na canção-féca — por ocasião da festa do dia 4 — 8 — 937.



Grupo Escolar de Carmo do Paranaíba
«Os creadinhos», pelos alunos Humberto Rosas e Solange Pereira.

Acêrca de livros

Abel FAGUNDES

A nova metodologia da aritmética — Eduard Lee Thorndike
—Livraria do Globo — Pôrto Alegre

A aritmética é das matérias mais influenciadas pelas recentes conquistas da psicologia da aprendizagem e da didática.

Seu grande valor instrumental na vida prática faz dela um dos elementos mais apreciados entre quantos a escola fornece aos alunos. E, todavia, os resultados de seu ensino quasi sempre se apresentaram na razão inversa de sua utilidade.

Arida por natureza, ela exige a concentração completa do estudante; não comporta criação pessoal, senão descoberta ou aprendizagem de relações e fatos com existência autônoma, rigorosos, inflexíveis.

Seu ensino reclama prodígios de ciência e habilidade, sob pena de ser incompleto, falho, insubsistente.

Thorndike, professor da matéria, autor de compêndios para o seu ensino, pôs ao serviço do estudo de sua metodologia os seus profundos conhecimentos psicológicos, fundados em larga base experimental, e publicou um trabalho extenso e profundo, verdadeiro *vade-mecum* onde todo lente da matéria encontrará excelentes sugestões e abundantes meios de racionalizar a didática da aritmética.

Na impossibilidade de descer a uma análise meticolosa dos tópicos da obra, basta-nos acentuar que nas quasi 300 páginas do livro estão espostos os princípios psicológicos e metodológicos concernentes à aprendizagem aritmética, estudados os pontos do programa primário e outros além dêle,

consignados os defeitos atuais do ensino, analisados os processos de ensino e das operações, prescritos os recursos tendentes a desenvolver o ensino consoante os processos humanos de raciocinar, apontadas as dificuldades, demonstrados os modos de afastá-las.

Citemos, para exemplo, algumas passagens.

A fls. 11, ensina que no ensino de frações ordinárias os exercícios que se devem dar são os que ocorrem na vida prática, os utilizados diariamente na vida doméstica, no armazém, na loja, no comércio em geral.

Os juros são calculados a qualquer prazo. "... são necessários muito maiores esforços para calcular os juros de determinada quantia ao prazo de 2 anos, 6 meses e 9 dias, do que aos prazos de 30, 45, 60, 90 dias, 6 meses ou 1 ano.

Entretanto, todo o cálculo de juros com que o aluno, um dia, terá de defrontar-se na vida, será sobre esses prazos comuns: as hipotécas serão feitas mediante pagamento de juros anuais ou semestrais; quasi todos os empréstimos bancários são realizados para períodos fixos e do mesmo modo renovados, e até mesmo os empréstimos particulares, realizados sem formalidades, são, habitualmente, feitos com prazo fixo e data estipulada para o pagamento dos juros. Ademais, quando se trata de calcular juros de prazos não usados, utilizam-se, comumente, tabelas de juros."

Vêde agora esta condenação a um hábito muito arraigado, qual o de dar aos alunos problemas complicados, a pretexto de cultivar e desenvolver o raciocínio: "Os métodos tradicionais permitiam aos professores proporem qualquer problema, contanto que fosse problema, embora imaginário, sem aplicação ao mundo real. Os que seguem são exemplos de problemas considerados satisfatórios pelos compêndios e professores de há vinte anos:

Alice tinha $3/8$ de dólar, Berta $11/16$, Maria $3/25$ e Nena $3/4$. Quanto possuíam juntas?

A mãe de Anita deu-lhe 40 maçãs para dividir com suas amiguinhas. Anita deu 2 maçãs e $2/9$ a cada uma. Quantas amigas tinha a menina?"

Seguem-se outros. E conclui o A.: "Problemas como os acima citados, em situação real, só poderão aparecer num hospital de alienados." (14)

Não basta, porém, que os problemas contenham dados reais. E' necessário, também, que não impliquem fatores subjetivos, que a aritmética, com a fixidez que lhe é peculiar, não poderia manejar, dada a sua variabilidade. Ex.: "Um agricultor comprou 160 mudas de pessegueiro, que plantou em renques de 24 mudas. Quantos renques foram plantados e quantas mudas restaram?" Este problema, resolvido, daria 6 renques e 16 mudas. Ora, o que parece provável é que o agricultor plantaria as 16 mudas restantes em uma fila incompleta, ou, o que parece muitíssimo provável, também, não teria comprado 160, mais 150 mudas. Os novos métodos enunciariam o problema de modo diverso, eliminando todos os elementos que tenham pouca probabilidade de ocorrer na vida real. Diriam, por exemplo: "Um agricultor possuía 150 mudas de pessegueiro.

Pensou em plantá-las em filas de 24 mudas. Calculou quantas filas poderia obter assim. Então, pôz de lado as mudas mais feias e fracas para que não fossem utilizadas na formação das fileiras completas. Quantas mudas ficaram de lado? (15)"

Eis agora um interessante exercício para fixar o valor e a equivalência das frações: "Escreva os algorismos que faltam. Um X significa que nenhum algarismo dá certo.

$$\frac{1}{2} = \frac{1}{2} \frac{X}{3} \frac{X}{4} \frac{X}{5} \frac{X}{6} \frac{X}{8} \frac{X}{10} \frac{X}{12}$$
 E assim com as frações $1/3, 1/4, 1/5, 1/6, 1/8, 1/12$, etc.

A pags. 77 assinala a fé antigamente depositada na mera frequência das conexões, na repetição, e a falta de alguma coisa que contribuisse para o êxito do trabalho —: interesse, motivo ou satisfação. Supunham que só uma lei regulasse a formação das conexões mentais — a lei do exercício. Esqueciam a lei do efeito, segundo a qual as conexões acompanhadas de estados de satisfação tendem a fortalecer-se.

Parece-nos desnecessário ir além. O nome do A., a aceitação que tem tido o livro, a referência a ele invariavelmente feita por quantos têm tratado, ultimamente, do ensino e da aprendizagem da aritmética elementar, dispensam citações outras e recomendações de nossa parte.

A NOVA METODOLOGIA DA ARTIMÉTICA, que o sr. Aneido Coelho, professor de pedagogia da Escola Normal de Pôrto Alegre, traduziu para a Livraria do Globo, é livro indispensável nas estantes das escolas normais e primárias.

GRAMÁTICA E ANTOLOGIA NACIONAL

1.ª e 2.ª, 3.ª e 4.ª, 5.ª série — J. Mesquita de Carvalho — Livraria do Globo — 1935.

Nunca, como depois da última reforma do ensino secundário, houve no país tão larga cópia de livros didáticos. O vernáculo, então, talvez por haver sofrido uma programação radicalmente diferente das anteriores, motivou inúmeros trabalhos, que evidenciam quanto vem sendo entre nós estudada a língua que nos herdou o velho Portugal e aqui refloresce, ao influxo da sensibilidade tropical, diferenciando-se e se enriquecendo, sem, todavia, perder os caracteres essenciais que a identificam com a língua portuguesa continental.

O prof. Mesquita de Carvalho, nos três volumes em que compendiou a matéria de estudo para as cinco séries do curso ginasial fundamental, realizou um trabalho merecedor de encômios.

A não ser na disposição da matéria — do que, aliás, deve ser pouco ou nada culpado — parece-nos digna de adoção a Gramática e Antologia de sua lavra.

Discordamos, em vários passos, da nomenclatura usada pelo A., assim na taxionomia como na sintaxe relacional; não podemos, também, deixar de censurar muitos dos excertos publicados para leitura, interpretação e análise, como, entre outros, "O Uruguai" (44), "Discurso de Rui no Senado"

(74), "O julgamento de Sócrates" (213), todos vasados em linguagem super-erudita, que os discentes de 1.ª e 2.ª série não entendem, e cujos motivos não podem interessá-los.

Notamos lacunas: a) quando do estudo do conhecimento do gênero (45), esquecendo-se o A. da referência e da aceitação como critério para conhecê-los: aquela, para as palavras genericamente uniformes; estas, para as que mudam, com o sentido, o gênero; b) ao estudar a voz passiva, que apresentou sob as modalidades analítica e sintética, esquecendo-se da semiótica.

Registamos, em compensação: o A. é dos poucos a estatuir regras para a prosódia das palavras terminadas em *ôso* no singular, ao passarem para o plural (1.ª e 2.ª série, 37); são oportunos e interessantes os motivos para composição, que reuniu a pgs. 61, 254 e outras.

No volume destinado às 3.ª e 4.ª séries, apreciamos o critério adotado, de estudar paralelamente as funções léxica e sintática das palavras, assinalando, além das funções lógicas normais, as particularidades sintáticas de cada qual delas. A parte destinada à gramática histórica é clara e metódica.

No volume destinado à 5.ª série, recolheu o A. trechos dos melhores escritores da língua desde o período de formação da nossa literatura até os nossos dias.

Trata-se, pois, de uma obra digna de apreço, com a qual o ilustre professor traz uma apreciável contribuição ao ensino e à aprendizagem do vernáculo.

EDUCAÇÃO FÍSICA — Anibal Silveira — Livraria Odeon — S. Paulo.

Com a sua inegável importância no plano educacional, não tem tido a educação física, no Brasil, suficientes tratadistas. A bibliografia, que lhe respeita, é das mais pobres em nossa literatura pedagógica, o que, sem dúvida, deve influir na falta de critério científico com que o seu ensino se realiza,

consistindo geralmente numa prejudicial e ridícula exibição de contorsionismo.

O sr. Anibal Silveira não escreveu propriamente um tratado metodológico acêrca do assunto. Preferiu encará-lo de um ponto de vista mais geral, estudando sua utilidade, sua necessidade, sua posição nos programas de ensino.

Indica as conseqüências da educação viciosa, as finalidades da fisicultura, as qualidades da educação racional, ação da ginástica sôbre o organismo. Critica as escolas ginásticas de Luig, Amoros, Sandow, Sanford Bennet, o sistema dinamarquês, o método natural de Hébert, discernindo em cada qual dêles o que se pode aproveitar no Brasil, com as suas condições de raça e de clima.

Mostra que a cultura corporal deve abranger toda a vida, pois a criança, ainda na vida intra-uterina, estará colhendo frutos das boas ou más condições somáticas dos seus procriadores.

A parte destinada à gramática histórica é clara e metódica.

Aponta a ação perniciosa que a escola tem desenvolvido neste particular, graças à falta de preparação dos seus mestres para criarem na escola condições higiênicas de trabalho e ministrarem eficientemente o ensino da importante disciplina.

Assinala os fatores positivos e negativos dos esportes, acentua o valor da esgrima (com restrições sob o aspecto moral), fixa o da natação e o da dansa clássica, analisa o atletismo, o ciclismo, enfim, todas as modalidades dos exercicios físicos, assim como as condições de sua realização.

Muitas outras questões pertinentes ao assunto são aí discutidas com ciência e equilíbrio, através de uma linguagem absolutamente policiada e elegante.

É um livro que os professores primários, e mormente os da disciplina, nas escolas normais, lerão com muito agrado e maior proveito.

HISTÓRIA UNIVERSAL DA LITERATURA — Estêvão Cruz
— Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1936

Em dois volumes, com perto de 1.200 páginas, o brilhante escritor e professor gaúcho Estêvão Cruz compendiou lições excelentes sôbre a história da literatura.

Obra de minuciosa e exaustiva investigação, requerendo qualidades excepcionais de paciência, método, cultura e espirito critico, pode dizer-se que a História Universal da Literatura justificaria, por si só, o renome de um escritor e o consumo de uma vida.

Estêvão Cruz foi, porém, um improvisador. Como confessa no prefácio, a obra foi feita em nove meses, sendo duas vezes interrompida para o preparo de livros outros, de cuja redação o incumbia a Livraria do Globo sempre que urgente necessidade do mercado reclamasse alimento para os olhos do Brasil, que ultimamente lê muito.

Essa improvisação explica certos descuidos que algumas de suas obras revelam. Mas evidenciam também a sua rara capacidade de trabalho, o estranho poder de penetração de sua inteligência, o riquíssimo filão de sua cultura.

No 1.º volume foi estudada a literatura da idade antiga. Da China e da Índia. Até Grécia e Roma. No 2.º, esmiuça a idade média e a da moderna.

Estuda a formação, o desenvolvimento de cada literatura, fornecendo amostras de suas produções capitais, ligeira biografia dos expoentes de cada época, e fazendo breve e ponderada apreciação sôbre cada escritor.

Pode dizer-se que são vários tratados reunidos num só.

Obra de incontestável merecimento, que muito recomenda os intuits culturais da Livraria do Globo, pode ela, em consciência, ser recomendada a estudantes de literatura, aos docentes da mesma disciplina em qualquer gráu, aos professores de português em geral e a todos quantos desejem acompanhar a evolução do pensamento humano, a marcha da civilização, através das obras primas da linguagem.

MUNDO INFANTIL

S. Paulo está fazendo, para a rapaziada do Brasil, interessante e instrutiva revista intitulada "Mundo Infantil".

Trazendo variadas histórias de aventuras, artigos referentes a fatos e figuras de nossa história, planos e instruções para construção de pequenas dependências domésticas ou objetos úteis, poesias adaptadas ao grau de compreensão de seus pequenos leitores, Mundo Infantil, que se vende no interior a \$600 o exemplar, destina-se a possuir grande circulação, o que bem merece.

Está instalada à Rua da Liberdade, 96 — S. Paulo.

QUADROS ILUMINADOS

Edição da Companhia Melhoramentos

Dentre as novidades que alcançaram maior sucesso, para crianças, estão em primeiro plano os QUADROS ILUMINADOS, êsse interessante passa-tempo que a Companhia Melhoramentos lançou em fins do ano passado, para as festas de Natal.

Nova série vem de ser publicada, pela mesma empresa, dêsse curioso original divertimento: são os QUADROS ILUMINADOS ns. 5 e 6, respectivamente "A Infancia de Jesus Cristo" e "A Vida e Obra de Jesus Cristo".

Os anteriores versavam sobre os principais contos da carochinha, esses novos modelos permitem a reconstrução dos principais episódios da infância e da vida e obra do Salvador, oferecendo ao espírito construtivo da criança a oportunidade muito feliz de poder formar lindos e encantadores quadros, policrômicos, de efeito o mais deslumbrante.

Releva notar ainda que êsses novos modelos de QUADROS ILUMINADOS sobre serem um excelente presente para Natal, ainda mais se considerarmos o espírito religioso da família brasileira, constituem precioso auxiliar nas

aulas de catecismo, para o estudo da primeira parte do Novo Testamento.

Aos pais em geral e aos mestres de ensino religioso recomendamos êsse brinquedo pelo seu elevado alcance educativo para as *nossas crianças*.

CIDADES DO MUNDO

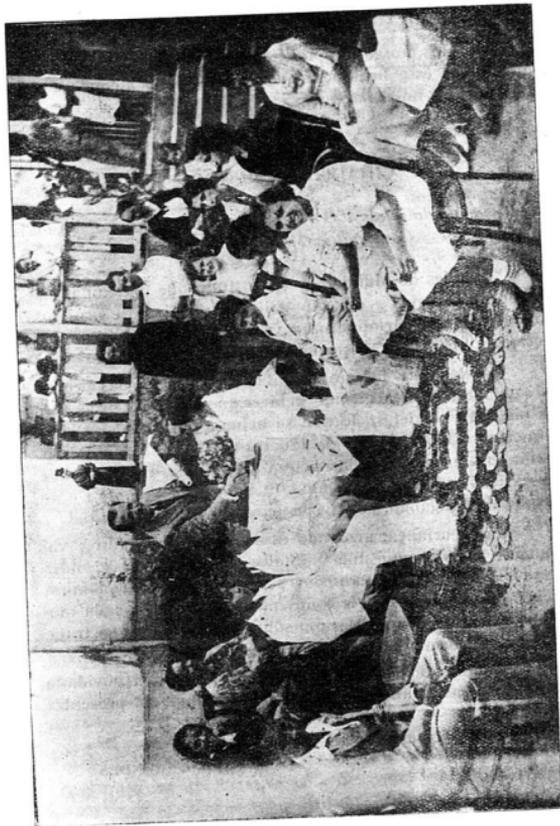
Uma nova modalidade d'O Pequeno Arquiteto — Edição da Companhia Melhoramentos

"Cidades do Mundo" — eis o título que a Companhia Melhoramentos deu a nova modalidade da série de projetos para armar, em cartolina, que vem publicando com inteiro sucesso, sob o título "O pequeno Arquiteto".

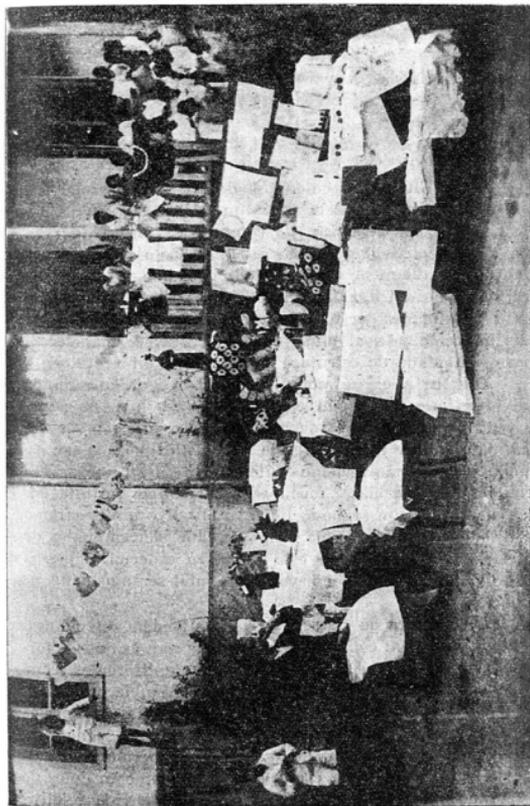
Um dos mais belos e encantadores aspectos das principais cidades, é reconstruído pela criança na formação desses originais modelos, de que se acham publicados os dois primeiros: Cidade do Rio de Janeiro e Cidade de São Paulo. Assim tem-se uma visão da beleza artística da cidade, o que nesses dois modelos corresponde à Baía de Guanabara e ao Parque Anhangabaú, com vista para o Teatro Municipal.

Mas a criança, armando êsse fascinante quadro, vai conhecer mais do que uma simples paisagem das grandes cidades; vai conhecer, também, sua importância econômica, social e política no concerto dos povos, porquanto cada modelo traz um excelente resumo sobre a cidade de que trata, com principais dados históricos e estatísticos.

"Cidades do Mundo" constituem, pois, uma novidade para as nossas crianças, ávidas, como sempre, de presentes novos.



Grupo Escolar de Guiricema
Aspecto da entrega dos diplomas aos alunos que concluíam o curso em 1936.



Grupo Escolar de Guiricema
Exposição de trabalhos manuais, Maio de 1936.

A criança e o Grupo

S. LIPSZYCOVA.

A OBSERVAÇÃO cuidadosa de um grupo escolar demonstra que a vida das crianças que dele fazem parte dá lugar a duas coletividades de composição diferente. Em uma dessas coletividades, com estrutura bem definida, as crianças trabalham de conformidade com um programa determinado; na outra, as mesmas crianças, fora das horas de classe, e instigadas por impulso natural, entram em contacto mais íntimo e pessoal umas com as outras e estabelecem uma coletividade de estrutura inteiramente diferente.

Embora a classe, como coletividade organizada de indivíduos que trabalham em comum, responda, do ponto de vista formal, à noção de grupo em sua acepção sociológica, uma análise mais profunda demonstra que, em sua essência, a classe não responde inteiramente a tal noção. Em primeiro lugar, a classe forma-se pela reunião fortuita dos seus membros. Em segundo lugar, o objetivo e o programa de trabalho da classe estão, como se sabe, determinados de antemão. De acordo com esta estrutura especial, a pessoa do professor é o eixo em volta do qual se agrupam as crianças.

Porém, fora da classe, as crianças tendem espontaneamente a pôr-se em contacto pessoal umas com as outras, formando grupos cujas bases são radicalmente diferentes e que os pedagogos, em geral, mal distinguem. Wojciech Gottlieb diz a este respeito: "Observam-se na classe todos os aspectos da vida coletiva. . . porém é, em grande parte, uma vida coletiva que se dissimula, que quasi sempre permanece oculta, que rara vez se nota e que só o professor com dotes de observador perspicaz chega a conhecer. Esta vida coletiva

raramente é tomada em consideração nas atividades pedagógicas da classe".

O desenvolvimento desta vida "entre bastidores", depende em grande parte das condições escolares. Nem todas as escolas dão a todas as crianças por igual a oportunidade de exteriorizarem as suas disposições sociais. A aplicação na escola de um sistema de disciplina rigorosa para vigiar, entre outras cousas, a conduta durante os recreios, os passeios e os jogos, opõe-se seriamente às manifestações espontâneas da sociabilidade infantil.

E' preciso, com efeito, que as crianças sintam certa liberdade com respeito à autoridade do adulto para que os seus instintos sociais se expressem livremente, no jôgo íntimo e pessoal das relações que as unem. Por isso recolherá o observador o material mais abundante durante as distrações e os jogos livres das crianças, em seus passeios e excursões, e, principalmente, nos acampamentos onde as crianças, constantemente juntas durante bastante tempo, se colocam em contacto pessoal mais íntimo e manifestam frequentemente formas de vida em comum extremamente vivazes e complexas.

Segundo Gienkowski, "os jogos das crianças fazem parte de sua vida, estão ligados a suas experiências, suas dificuldades, suas alegrias, seus sofrimentos, seus temores e esperanças, com as consequentes relações sociais". Acrescentaremos, por nossa parte, que nesses jogos dentro do grupo, cada criança manifesta o seu grau de desenvolvimento social, sua faculdade de adaptação aos demais, sua compreensão do caráter individual de seus companheiros e seu conhecimento das leis da vida coletiva. Em uma palavra, é nos jogos onde se expressa com maior força o grau de madurez social da criança. O grau de utilidade, atividade e decisão nos jogos determina infalivelmente, segundo as próprias crianças, o valor do indivíduo como parte integrante do grupo. Assim se explica a perspicácia extrema que mostram em seus juízos sobre seus novos companheiros de diversão.

Reconhecendo que os jogos são o terreno quasi exclusivo em que se manifesta a livre expressão social da criança, devemos acrescentar que se trata de alunos das classes primárias. Sem dúvida alguma as crianças de idade mais avançada podem manifestar também suas disposições sociais no trabalho escolar livremente organizado em comum.

As manifestações da vida social da criança como parte integrante do grupo podem ser estudadas debaixo de vários pontos de vista:

1. O investigador poderá considerar as crianças em conjunto, observando todo o indicio de diferenciação no grupo e também as formas que revestem as relações mútuas entre as crianças; e a gênese das agrupações que formarem com suas correspondentes flutuações e elemento de variabilidade. Graças a essas observações, a estrutura do grupo poderá ser determinada a traços largos.

2. O objeto da investigação será a criança em suas relações com o grupo. Observar-se-á a atitude de cada criança para com o grupo, a tendência a pôr-se em contacto com seus companheiros, o papel que desempenha entre estes, e os sentimentos que expressa nas várias fases de sua incorporação ao grupo.

3. Finalmente, estudar-se-ão os valores de ordem moral que regem a estrutura do grupo.

E' para desejar, do ponto de vista metodológico, que se distingam estas três fases da investigação, afim de diferenciar os aspectos particulares do problema geral e defini-los mediante a aplicação dos métodos de investigação mais apropriados. Citemos, para ilustrar, as três fases referidas, alguns exemplos concretos do tipo de investigação que mencionámos e dos métodos empregados em cada um. Digamos, de passagem, que se trata de observações que se referem a todo o grupo de crianças durante os dois primeiros anos de frequência escolar.

AFINIDADES E DIFERENÇAS

Nos três primeiros anos o grupo de crianças constitue uma massa tão diferenciada em que só se distinguem com precisão dois tipos de crianças insociáveis. No decurso do seguinte período de três meses, mais ou menos, formam-se, dentro desse conjunto, grupos de caráter temporário cujo fim principal é o jogo.

No fim de seis meses observa-se a formação do primeiro grupo estável, composto por três crianças de tendências autoritárias. Nota-se ao mesmo tempo que outras crianças, igualmente autoritárias, disputam ao primeiro grupo sua influência sobre as demais. Os conflitos entre grupos e indivíduos não dão resultado nenhum positivo, causando somente uma espécie de agitação surda na classe. Em certo momento, uma menina de tendências muito agressivas procura impôr a sua autoridade, fracassando, porém, em sua tentativa.

No comêço do ano seguinte prossegue a luta entre os dois grupos para conseguir preponderância. Observa-se um novo aspecto nas relações mútuas destes grupos; os diferentes aspirantes ao poder aproximam-se uns dos outros afim de conquistarem maior número de adêptos entre as crianças. A menina agressiva do ano anterior consegue seu propósito mediante uma espécie de pacto em virtude do qual se conforma com exercer sua influência sobre um número limitado de meninas que aceitam a sua autoridade.

A modificação radical da estrutura do grupo só tem lugar no fim do segundo ano no acampamento escolar. Ali, graças à vida em comum mais íntima, constitue-se uma coletividade que reconhece como chefe a um menino — não um dos maiores — com dotes de organizador bem definidos e que sabe impôr sua vontade aos demais. E' significativo o fato de que, paralelamente a esta consolidação social, se nota uma renovação da atividade nos estudos.

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Estudemos agora o indivíduo em suas relações com o grupo. O que nos interessa particularmente é a atitude des-

ta ou daquela criança em seu primeiro contacto com o grupo, a maneira em que entra em relação com seus companheiros, o meio que emprega para adquirir certa autoridade e, finalmente, as etapas de sua carreira social no seio do grupo.

Citemos, como exemplo, um pequeno leader no grupo de crianças já descrito. No primeiro período de sua frequência à escola, Antônio E. encontra grandis dificuldades para adaptar-se ao grupo. Adota para com as demais crianças uma atitude hostil, permanecendo ao mesmo tempo na defensiva. É indolente e carece de perseverança em seu trabalho. Seus companheiros não o acham simpático. Só adquire prestígio quando, ao cabo de três ou quatro meses, trava amizade com Jorge e Miguel (fato característico: vincula-se com meninos pouco adiantados no trabalho escolar) e forma com eles um trio inseparável. Trata o resto de seus companheiros como clan inimiga à qual, não obstante, procura conquistar alguns membros. Este grupo organiza jogos que consistem, principalmente, em lutas contra o inimigo real ou imaginário.

Antônio, que é o melhor organizador desses jogos e também o mais forte do grupo, passa para o primeiro plano. Converte-se em chefe, ao qual Miguel e Jorge se submetem sem reservas. É respeitado, porém pouco estimado, e permanece até ao fim do primeiro ano como chefe de um partido pouco numeroso, que, no entanto, é o único constituído em bases estáveis. No seguinte ano aumenta a influência de Antônio e continua exercendo sua autoridade, graças a sua amizade com Jorge e Miguel. Outras crianças, principalmente meninas, desejam pertencer ao grupo. Todos o temem e lhe obedecem. Tem oportunidades cada vez mais numerosas para manifestar a sua capacidade de organizador. A sua conduta em certos jogos como, por exemplo, no jogo "das nações", é característica. Sério e concentrado, obriga com ameaças, e até mesmo com pancadas, todos os participantes a permanecerem sentados tranquilamente e a cumprir com exatidão as regras do jogo.

Durante as horas de recreio luta com dois companheiros que não se querem submeter à sua autoridade. Nem a ex-

trema vivacidade desses conflitos, nem o caráter variável das meninas, fazem perigar a sua posição de chefe. O período seguinte é decisivo quanto à sua autoridade. A atitude de Miguel, que aspira a converter-se em chefe, preocupa seriamente a Antônio. Miguel revolta-se várias vezes, e o fiel Jorge o acompanha, abandonando a Antônio. Ao ver-se só, Antônio reconhece que Miguel conta com mais simpatia que ele entre as crianças, que tem mais adêptos, mas que é, apesar disso "pouco vivo". Cede, pois, a posição e autoridade de chefe a Miguel, e desempenha, daí em diante, o papel de subalterno. O triunfo de Miguel é, porém, de curta duração. Antônio recobra a posição que havia cedido de bom grado e o grupo inteiro adere a ele. O ano escolar termina no acampamento com o triunfo completo de Antônio, que é respeitado e obedecido cegamente por todos seus companheiros.

Estas características, se bem que dêem realce à conduta do menino em relação ao grupo, não revelam o fundo de sua vida afetiva, nem os motivos secretos de sua conduta, nem tão pouco os fins que tem vista. Na conduta de Antônio havia pontos um tanto obscuros que exigiam elucidação psicológica mais profunda, conseguindo-se isto entrando em conversação com ele e fazendo-o falar de si próprio. Mediante estas conversações foi possível chegar a conhecer o papel especial dos seus dois aliados na luta que havia sustentado para conquistar a sua autoridade. Estes diálogos permitiram descobrir que, iminente a rebeldia de seus auxiliares mais íntimos, se havia aproveitado habilmente da oportunidade para abandonar espontaneamente o poder em favor de Miguel, conseguindo com esta manobra, pôr em evidência a inaptidão do seu rival como chefe.

Além do método em virtude do qual se observam as atividades da criança no grupo, poder-se-á aplicar igualmente o método experimental que permite descobrir rapidamente o valor social atribuído ao indivíduo pelo grupo. Uma destas experiências consiste em averiguar a posição que concedem a cada criança seus companheiros.

Para realizar esta investigação pede-se às crianças que classifiquem seus companheiros segundo a ordem de sua importância no grupo. Para que as crianças compreendam melhor de que se trata (precaução que em geral é supérflua, pois elas compreendem imediatamente) poderá perguntar-lhes, por exemplo: Qual a criança a quem mais respeitam? Quem é, no grupo, o mais obedecido? Os resultados que se obtêm, por outro lado, fazendo com que as crianças classifiquem seus companheiros segundo o seu sucesso na escola, são muito edificantes. A diferença que se observa entre essas duas hierarquias, quer dizer, a diferença entre a posição ocupada pelo mesmo indivíduo na primeira e na segunda lista, demonstra que estamos em presença de duas categorias de grupos muito distintos. Vejamos algumas observações derivadas da comparação das listas feitas por um pequeno número de crianças do quarto ano escolar:

Geralmente, todas as crianças que fazem parte do grupo estão de acordo no que se refere à posição atribuída a qualquer de entre elas principalmente quanto ao primeiro e último, ordem de sucessão sobre que há mais acordo, dá idéia da hierarquia real, quer dizer, do juízo indubitavelmente mais objetivo sobre o valor da criança. Comparando essas listas poder-se-ão avaliar os juízos emitidos por certas crianças que não estão de acordo com a maioria.

Esses juízos, tão radicalmente diferentes, são interessantes porque revelam uma mentalidade que se deixa guiar por fatores subjetivos como, por exemplo, simpatia pessoal, antipatia ou simplesmente inveja. Ou poderão talvez indicar que por falta de critério julgaram de maneira totalmente diferente o papel do indivíduo dentro do grupo.

O método de classificação poderá ser aplicado também a outros fins, recomendando-se ao professor que prepare uma lista em que as crianças apareçam na ordem da importância social que ele, pessoalmente, atribue a cada indivíduo. A comparação desta lista com a que tiver sido feita pelos alunos, permitirá ao professor julgar até que ponto soube distinguir e apreciar as relações sociais em sua classe.

Com este método se relaciona o "plebiscito de simpatia e de antipatia" aplicado por Korczak. Cada um dos membros do grupo dá o seu parecer sobre todos os seus companheiros atribuindo a cada um deles um ponto bom ou mau, sinal positivo ou negativo, segundo a simpatia ou a antipatia que sinta para com eles. Em seguida, somando os pontos, pode-se expressar numericamente o grau de acordo da criança com o seu grupo. A relação entre o número de votos de simpatia atribuído pelo grupo a este ou aquele indivíduo e o número de pontos bons que este indivíduo concede a seus companheiros, é particularmente interessante. Os casos em que as crianças que gozam da simpatia do grupo, manifestam, no entanto, para com este indiferença ou antipatia, ou vice-versa, exigem uma investigação psicológica mais profunda.

Existe um método simples que o autor tem empregado com bom resultado e que também poderá ser utilizado em conexão com este assunto. O professor dá a cada criança a oportunidade de desempenhar, pelo menos durante curto tempo, as funções de organizador de um jogo coletivo. Sem a intervenção do adulto, esse papel incumbe exclusivamente aos indivíduos que contam com a confiança do grupo, e os demais não são admitidos a ele nunca. Esta nova situação, criada pelo professor, permite observar a atitude do grupo com respeito ao organizador, quasi sempre incompetente, e, por outro lado, analisar e diferenciar essencialmente as condições que reúne o bom ou mau organizador de jogos. Esta experiência nos revela que a criança mal vista no jogo é, quasi sempre:

- a. O pontilheiro, que em sua preocupação excessiva para seguir as regras do jogo, exagera as menores contrações até ao ponto de interromper o jogo.
- b. O insubordinado, que viola constantemente as regras estabelecidas pelo grupo.
- c. O injusto, que na expressão de sua opinião sobre seus companheiros se deixa guiar por simpatias e antipatias pessoais.

d. O criticador, que não participa das ilusões do jogo.

E' esta uma atitude particularmente insuportável para as crianças que, geralmente, põem toda a sua alma no jogo.

e. O egocêntrico, que não vê no jogo senão um motivo de diversão e alegria própria, procurando obrigar todo o grupo a concorrer para essa diversão.

f. O falto de perspicácia, que não sabe estimar o valor social de cada membro do grupo e que age sem tacto a cada momento.

Para resumir estas notas sobre os métodos utilizáveis, diremos que o material de fontes diversas, as observações sobre a estrutura geral do grupo, a conduta do indivíduo e os resultados das experiências, proporcionam uma imagem animada e dinâmica da atuação da criança no seio do grupo. Porém este dinamismo será para nós puramente artificial enquanto não tivermos analisado os motivos e as intenções que inspiraram a conduta da criança.

Um meio excelente de completar os métodos já descritos é conversar com a criança sobre si própria e sobre seus companheiros. Tal conversação dá, às vezes, resultados surpreendentes, mesmo quando se trata de criancinhas do jardim de infância.

As crianças têm tendência para falar francamente e com muita animação de tudo o que lhes interessa profundamente e que se refere a suas relações mútuas: simpatia, antipatia, rivalidades, rebeldia ou submissão forçada à vontade do grupo.

Para concretizar estas observações, permita-se-nos analisar um dos jogos favoritos das crianças do jardim de infância. Esse jogo, chamado "o barco", revela a estrutura social do grupo de crianças, assim como também o papel do indivíduo.

Temos, em primeiro lugar, o capitão do barco, que é o organizador principal do jogo; está à frente do grupo e dá ordens aos demais. Vem em seguida dois meninos que ocupam a posição importante de oficiais. Seu papel no jogo

não é bem definido. Seguem-se os marinheiros que executam as ordens do capitão, e, finalmente, o grupo passivo dos passageiros do barco. Uma menina permanece afastada; foi eliminada dessa atividade coletiva. E' esta, sucintamente, a estrutura do grupo. Vejamos agora o papel individual de cada criança nesse conjunto.

O capitão é um menino forte, rude e pouco inteligente, porém que possui grandes dotes de organizador. Sabe designar a cada um o papel que lhe convém; é de decisão rápida e impõe a sua vontade aos demais. Sua atitude no papel de chefe é precisa e não deixa lugar a dúvidas. Os dois meninos que figuram como oficiais são dois dos mais inteligentes da classe; são também superiores aos demais pelo seu desenvolvimento geral e têm ambição, porém falta-lhes atividade. Sua atitude e seu papel no jogo não são muito claros. A simples observação não basta para compreendê-los. Os marinheiros são os colaboradores ativos, leais companheiros de jogo, indispensáveis ao chefe.

Os passageiros são também elementos necessários e, não obstante seu papel passivo, são solicitados para essa classe de jogos. Constituem a multidão indistincta, a massa submissa, sem a qual estes jogos se malograriam. Contudo, exceto neste tipo de jogos, seu papel no grupo é insignificante. Sua atitude passiva não permite conhecer pela observação seu sentimento com respeito ao papel trivial que desempenham. E' impossível também compreender porque foi eliminada a menina vivaz, ativa e resoluta, com o pretexto de que "nem sequer serve para passageira".

Adicionando à observação o método da conversação todos os enigmas se aclaram de maneira interessante e às vezes inesperada. Os dois meninos inteligentes que desempenhavam, o papel de oficiais, foram escolhidos pelo capitão afim de evitar uma possível rivalidade da sua parte. Estão satisfeitos e orgulhosos com a distinção, embora seja difícil determinar exatamente o seu papel no jogo. E' surpreendente a analogia com o que se passa na vida coletiva dos adultos.

A conversação com as crianças que fazem de passageiros e que permanecem quasi ignoradas no grupo, permite descobrir frequentemente nelas um fundo não suspeitado emoções dissimuladas sob a máscara de uma indiferença perfeita. Privadas de papel ativo no grupo, sofrem em segredo com o seu isolamento social. Por exemplo, uma das crianças, interrogada sobre o motivo da sua abstenção frequente do jogo, responde com tristeza que não importa se joga ou não, pois ninguém quer saber disso. Outra criança, a quem o professor considera fleugmática, lerda e insensível, interrogada da mesma forma, põe-se a chorar e declara que sem dúvida os seus companheiros não lhe querem bem, pois nunca a convidam para jogar.

A conversação visando averiguar a atitude da menina excluída dos jogos em comum com inépta para desempenhar até mesmo o papel de passageira, colocá-nos também em presença de solução interessante. A explicação é fornecida, durante a conversação, por um dos meninos inteligentes que está perfeitamente ao par dos costumes e dos direitos que regem a vida em comum desse mundo pequeno. A menina é uma criatura autoritária e agressiva que queria mandar, porém que não tem forças para isso. As outras crianças deram-lhe o sobrenome significativo de "comandante". É evidente que essas veleidades não podiam ser bem vistas pelo capitão de tendências despóticas. Também chegamos ao conhecimento de que o capitão, que, aliás não simpatiza com as meninas, proibiu aos seus companheiros que joguem com ela. O menino que nos informa declara-se bem disposto para com as meninas em geral e de bom grado teria tomado a defesa da excluída, se não temesse perder o seu posto de oficial ao lado do capitão. Interrogamos este menino sobre a suposta incapacidade da "comandante" para tomar parte no jogo e sua incompetência para o simples papel de passageira, e diz-nos que um dia, essa menina, sendo passageira, sahiu do barco em pleno mar, sem esperar que o barco chegasse à costa. Foi um gesto de protesto, compreensível em uma menina altiva condenada a

papel tão insignificante. O grupo não lhe perdoou essa infração às regras do jogo e submeteu a menina a um ostracismo severo.

VALORES DE ORDEM MORAL

Aprofundando ainda mais o estudo dos sentimentos das crianças ao estabelecerem relações com o resto do grupo, chega-se às conclusões gerais que mencionaremos a seguir para permitir que sua exatidão seja verificada por meio de material de observação mais abundante. Toda a criança normal quer conquistar a estima e a simpatia dos que a rodeiam. Esta tendência se manifesta espontaneamente e de maneira particularmente acentuada em seu contacto com o grupo de seus pequenos companheiros. Isto não é surpreendente se se considera que as disposições sociais se manifestam até mesmo nas crianças lactantes e se desenvolve rapidamente durante os anos seguintes, como tem sido estabelecido de maneira irrefutável por psicólogos tão abalizados como Stern e Bühler. A criança de cinco a seis anos, no jardim de infância, manifesta uma sensibilidade muito desenvolvida em suas relações com seus companheiros. O desejo de ganhar a sua consideração, o temor de achar-se em estado de inferioridade que teria ressaltar suas debilidades, a sua viva reação à opinião do grupo, manifestam-se claramente na criança, porém, parece que os pedagogos não têm tomado esses sentimentos na devida conta.

As investigações sobre a vida coictiva na escola têm comprovado que não há criança normal nessa época de seu desenvolvimento que se isole voluntariamente; ao contrário, tende com todo o seu ser a viver em íntimo contacto com o grupo.

A atitude indiferente da criança, ou a sua hostilidade, com respeito ao grupo, não são mais que a expressão de sua resignação passiva ou de seu despeito depois de ter fracassado em seu propósito de estabelecer relações normais com o grupo. Numerosos exemplos confirmam claramente esta asserção. Para exemplificá-la citaremos dois fatos que

se referem à vida das crianças menos sociáveis do grupo observado.

Trata-se de um menino de seis anos que causa muita preocupação a suas professoras devido a sua conduta pouco sociável. Durante uma conversação com o psicólogo esse menino acusa acerbamente os seus companheiros e outras pessoas de serem culpados de tal conduta. Foi-lhe perguntado então que era que lhe causava maior desgosto na escola e confessou em voz baixa que lhe parecia que ninguém gostava dele. Ao mesmo tempo suplicou ao seu interlocutor que não contasse isso a ninguém.

Outro menino, também insuportável em suas relações para com o grupo e pouco querido por seus companheiros, responde, quando se lhe pergunta que fará quando for grande, que será crmitido acrescentando que quer estar só porque, afinal, ninguém gosta dele.

Na luta para conquistar uma posição dentro do grupo, os diversos traços físicos e psíquicos da criança podem ser-lhe úteis ou constituir obstáculos. A força, a destreza e a decisão, que as crianças confundem frequentemente com o valor físico, são de importância primordial para conquistar autoridade na idade que estamos observando. A posição social concedida a cada criança depende principalmente de seus caracteres físicos. Isto é confirmado pela resposta de um menino de nove anos a quem interrogámos sobre as furiosas lutas de que era iniciador. "Não pode haver uma escola em que não haja batalhas", respondeu, "nenhum menino quereria ir a uma escola tal". Quando se lhe pergunta se não haveria forma de moderar esses pleitos que tanto perturbam os alunos em seus trabalhos escolares, responde: "E' preciso deixar-nos lutar até que isto se acabe só". E aquilo "se acabaria", segundo ele, quando cada menino reconhecesse finalmente qual era o seu lugar. No entanto, a força física somente, sem adaptação da criança ao seu meio ambiente, não confere uma posição de primeira ordem; ao contrário, às vezes incita o grupo a protestar de maneira solidária e a rebelar-se contra as manifestações

brutais dessa força. Entre as qualidades mais apreciadas pelo grupo, conta-se a arte de organizar os jogos.

A facilidade de adaptação social da criança é, na verdade, um fator de ordem primordial no desenvolvimento de suas relações harmoniosas com o grupo. E' este um fator complexo que requer um estudo especial. Uma das qualidades pelas quais a criança demonstra aptidões sociais e que seus companheiros mais apreciam é o sentimento da justiça. Para a crianças de oito a nove anos, defender os débeis e saber resolver imparcialmente as questões que se suscitam entre elas, demonstra espírito de justiça. E', em nossa opinião muito significativo que nessa idade em que, aparentemente, a força bruta deveria ser decisiva, sejam tão apreciadas pelas crianças as qualidades morais elevadas. Isto indica talvez que já nessa idade os fatores de ordem moral se definem no seio do grupo e preparam o desenvolvimento de formas superiores de vida coletiva.

Os dotes intelectuais e os progressos escolares, embora ganhem, é certo, à criança o respeito e a estima nas horas de classe, quer dizer, no seio dessa estrutura oficial de que já falamos, não tem influência decisiva na posição social que é concedida à criança fora da aula. Como o temos comprovado em muitos casos, há crianças que gozam de grande autoridade no grupo e que são, do ponto de vista acadêmico, alunos medíocres e com frequência ainda menos que isso, cousa que parece compreensível até certo ponto. A criança que se dedica com intensidade à vida social absorve-se nas atividades do grupo e pode demonstrar indiferença para com o seu trabalho escolar (1).

(1) Esta comprovação difere da estabelecida pelos autores alemães cujos trabalhos indicam que as crianças reconhecidas como leaders são também as mais adaptadas da classe. Essas divergências de opinião precisam ser comprovadas em outro terreno. E' possível que dependam, por um lado, de uma diferença de idade das crianças examinadas, visto que as crianças citadas pelos autores alemães são de idade mais avançada; por outro lado, pode provir essa diferença de uma atitude psíquica diferente nas crianças alemãs.

É interessante observar os expedientes a que recorrem às vezes as crianças em seus esforços para conquistar uma posição mais elevada na hierarquia social do grupo. Na luta febril para atrair em partidários, os rivais empregam às vezes meios indiretos. Por exemplo, ofertam pequenos objetos a seus companheiros; gabam-se de possuir cousas consideradas preciosas entre elas, ou, para adquirir mais prestígio, exploram a situação social ou material de seus pais. Esses meios secundários produzem às vezes efeitos passageiros, porém não decidem de uma maneira duradoura a posição social da criança.

As crianças ambiciosas porém fisicamente débeis ou que não têm suficiente confiança em si próprias, recorrem às vezes a meios singulares. Comprometem-se a realizar cousas ilícitas ou a servir de espias no bando inimigo, julgando que este procedimento constitui meio eficaz para adquirir uma posição social mais elevada. Porém, em geral, tais meios não dão o resultado esperado. A conduta dessas crianças desperta desconfiança e às vezes prejudica definitivamente a sua reputação.

A força física, por si só, como já foi indicado, não constitui uma garantia de triunfo. É também curioso comprovar que um desenvolvimento físico medíocre ou uma deformidade aparente nem sempre são obstáculos para adquirir consideração no grupo, contanto que o indivíduo possua ao mesmo tempo outras qualidades estimadas pelas crianças em sua visita coletiva. A solidariedade e o espírito de iniciativa, por exemplo, têm grande importância entre elas. Com frequência se vê um chefe, em seu interesse próprio, elevar ao posto de ajudante a um companheiro fisicamente inferior.

Um exemplo bem característico foi-nos dado por um menino dos apaniguados de Antônio, atrás mencionado. Este menino de estatura exigua, porém muito bom companheiro, foi designado para o posto importante de secretário do chefe. É seu conselheiro discreto e infalível quando se trata de dirigir o grupo, embora tenha a aparência de um aluno do

jardim de infância. Popular durante dois anos, não se eleva por sua própria autoridade. Só no terceiro ano de sua atuação no seio do grupo, já consciente da posição sólida que adquiriu, se decide a manifestar abertamente as suas próprias iniciativas.

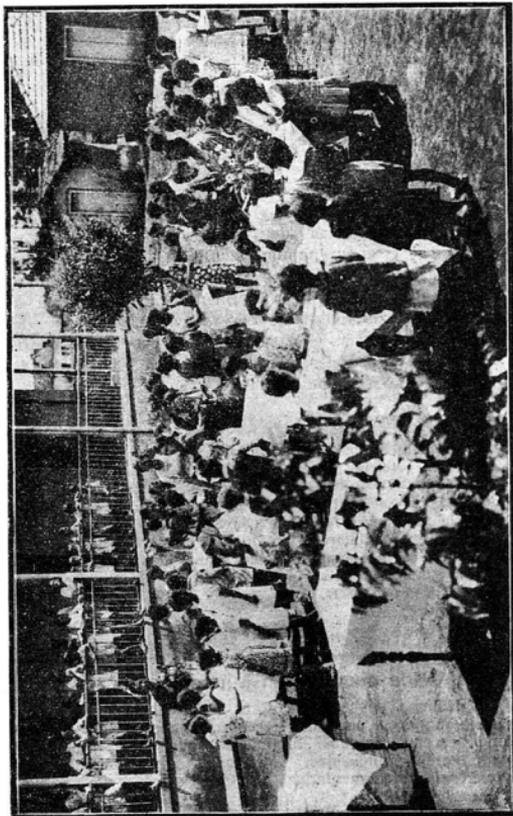
Resumindo, poder-se-ia imaginar uma escala de seleção das crianças em diversas categorias, de acordo com seu grau de adaptabilidade social. Isto seria de enorme importância para estabelecer uma tutela psicológica no terreno escolar. Segundo as observações do autor, poder-se-iam distinguir seis categorias de crianças: 1) os leaders de grupo; 2) as crianças populares; 3) as crianças respeitadas; 4) as crianças toleradas; 5) as crianças ignoradas; 6) as crianças perseguidas. A intervenção psicológica seria necessária principalmente em relação às crianças das três últimas categorias com o fim de libertá-las de conflitos ostensivos ou secretos, causados por sua inadaptação de viver com seus companheiros.

S. LIPSZYCOVA.

O presente trabalho da educadora polaca S. Lipszycova, apareceu pela primeira vez em espanhol no número de maio de 1937 de EL MONITOR DE LA EDUCACION COMUN, excelente órgão do Conselho Nacional de Educação da República Argentina. Ao reproduzi-lo nesta série fazê-lo convencidos de que os educadores brasileiros terão interesse em ler um artigo tão bem pensado sobre um tópico de importância tão primordial. Desejamos, além disso, por esta forma tornar pública a estima que nos merece a mencionada revista. C. R. J.

Vida escolar em Minas Gerais

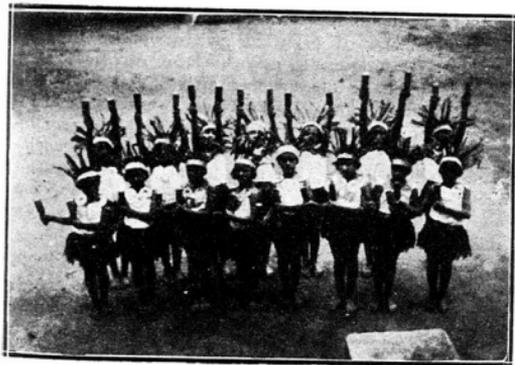
Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.



Grupo Escolar de Murumbinho
Inauguração da Escola Municipal - anos II de Março de 1937.



Grupo Escolar Cel. Vieira, em Cataguazes
Uma excursão.



Baillado Indiano
Grupo Escolar «Quido Marlière», de Cataguazes.

A paz pela escola

Ernesto GALARZA

(Do Departamento de Cooperação Internacional, União Panamericana)

A realidade atual tem imposto à escola o dever ineludível de coadjuvar a consolidação da paz internacional em forma positiva e duradoura. Como instituição consagrada no seio de todo o povo civilizado, e dotada como comumente se acredita de capacidade superior para plasmar o espírito das novas gerações, a escola passa a ser o meio por excelência de combater o perigo da guerra. Esta responsabilidade tem chegado a ser quasi que absoluta, no conceito de escritores de todas as nacionalidades entre os quais podem citar-se os latino-americanos Dr. Rodolfo Luque e o Professor Guillermo Izquierdo Araya. O primeiro, em um interessante estudo sobre a relação do ensino da história na América ao espírito de cordialidade internacional, atribue a falta de amizade ao estreito patriotismo que orienta o ensino da história pátria. Com semelhante critério, afirmou o Professor Izquierdo Araya perante a Segunda Conferência Internacional americana de Educação, realizada em Santiago do Chile, que a atmosfera de receios internacionais deve-se em grande parte ao fato dos professores não cumprirem com a sua missão, chegando a sustentar que eles poderiam ter evitado guerras fratricidas, acusação, essa, porém, um tanto merecida.

Deixando de lado, pelo momento, a consideração do que pôde e deve fazer a escola em prol da paz, é justo reconhecer a obra de orientação que até agora tem realizado. Desde há vários lustros atrás, o Congresso Internacional de Educação Moral tem vindo debatendo o problema da apro-

ximação internacional com relação à escola, salientando principalmente o ensino da história.

No princípio de sua organização em 1932, a Comissão de Cooperação Intelectual de Genebra iniciou o necessário trabalho tendente a estabelecer princípios e sugerir modificações ou adaptações nos processos de ensino oficial que pudessem contribuir para o desarmamento moral e internacional. Os países da América não têm permanecido na retaguarda, tendo dado provas de vivo interesse e profunda preocupação por este assunto nas Conferências Internacionais Americanas de Santiago do Chile (1923) e de Montevideo (1933), no Congresso Científico Panamericano de Lima ... (1924), e nos Congressos de História de Montevideo (1928 e 1931), Buenos Aires (1929), Bogotá (1930) e Rio de Janeiro (1931). A Sétima Conferência Internacional Americana de Montevideo aprovou uma convenção para a revisão de textos históricos, ato que até esta data tem merecido a adesão incondicional de 14 Repúblicas. Para apoiar decididamente os princípios assentados naquela convenção, o Brasil, a Argentina e o Uruguai já instituíram comissões encarregadas de fiscalizar a revisão dos textos de história, afirm de que neles se afirme a nota de amizade para com os demais países americanos.

Na maioria dos congressos acima citados, o tópico central foi o do ensino da história em relação com a concórdia mundial; mas não é possível desvincular este aspecto muito especial da educação da função total da escola. E isto por três razões: primeiramente, o estudo dessa matéria não se particulariza, geralmente, sinão no terceiro ou quarto ano elementar. Por conseguinte, a criança ficaria à margem de toda a orientação pacifista durante os primeiros dois ou três anos de sua vida escolar, a não ser que neste período tão vital se consiga o mesmo fim mediante processos e práticas que se relacionam com a vida quotidiana da escola. Além disso, hoje em dia acontece que as matérias isoladas e os professores especialistas vão cedendo o lugar de preferência que até agora têm ocupado no ensino, ao sistema

de estudo como experiência integral. Embora essa reforma não seja fato generalizado, não é lógico atribuir à história a responsabilidade exclusiva diante do problema da amização internacional. Igual patriotismo pôde ser inculcado nas cadeiras de geografia, de direito constitucional, de civismo, de literatura e outras matérias, correspondendo a estas, portanto, um dever tão indeclinável como o que foi imposto à história.

Dentro do âmbito marcado por estas considerações, a contribuição, da escola ao arraigamento do espírito de concórdia efetua-se em duas etapas: a primeira, liga-se a processos e atividades que poderiam ser empregados nos primeiros dois ou três anos da escola elementar; a segunda, toma a história a título de exemplo para indicar, mui ligeiramente, como qualquer matéria determinada pôde contribuir àquela finalidade. Tal divisão se justifica porque nenhuma outra correspondência ao desenvolvimento psicológico da criança, por um lado, e às condições impostas pela escola pública oficial, por outro.

A criança com todas as suas modalidades psíquicas é o ponto de partida do ensino primário. Essas modalidades que apenas começam a ser conhecidas com certa segurança, fixam a indole do ensino nesta etapa, na qual predomina a sensibilidade e não o raciocínio. Nos três momentos do processo educativo — ação, associação e expressão — podem figurar inumeráveis elementos cuja assimilação intelectual é quasi nula para a criança, mas cujo sedimento de emoções gratas logo formará o estrato básico da personalidade e das inclinações. Nada mais voraz do que a ávida curiosidade infantil. Ela recebe impressões sem distinção de raça, credo, ou côr, sempre, que venham autorizadas pelo passaporte obrigatório, sem o qual ninguém nem coisa nenhuma cruza as fronteiras da infância — o elemento emotivo. Em tão hospitaleiro terreno, pode semear o mestre a semente que bem entender e entre ela seguramente haverá lugar para uns tantos grãos de boa vontade para com os povos.

Um precedente estabelecido já por várias Repúblicas americanas é de dar às escolas os nomes de países estrangeiros e dos seus mais eminentes cidadãos. Tomando exemplos a esmo, pode-se apontar as escolas "República do Mexico" em El Salvador, "Colômbia" em La Paz, "República do Chile" em Bogotá, "Charles Lindbergh" no Mexico, e "Thomas Edison" no Rio de Janeiro. Desta forma constitui-se um centro de interesse que poderia ser animado ainda mais com fotografias, livros e albums do país cujo nome traz a escola. O simples fato de existir tal escola também pôde dar lugar de uma maneira espontânea à celebração de datas nacionais, tais como o Dia da Independência do país ou o dia natalício do grande cidadão cujo nome traz a escola. Este simpático precedente deveria ser observado também ao dar nomes a bibliotecas, pavilhões, repartições, laboratórios, pistas desportivas, etc. Um plano semelhante aplicado com critério e entusiasmo, logo converteria o conjunto das escolas primarias em um elenco de honra no qual figurariam as nações vizinhas e os próceres da ciência, da arte, do pensamento e do trabalho. Convém advertir, porém, que com tal cerimônia de batismo apenas fica iniciada a obra. Para arraiar o afeto e a estima à insigne personalidade ou nação estrangeira será indispensável aumentar o poder evocativo do nome que traz a escola. Com êste fim, sugere-se em outros parágrafos a comemoração de datas históricas. Outrossim, no caso de alguma biblioteca "Gabriela Mistral" poder-se-ia exibir a obra literária da genial poetiza do Chile ou pelo menos a coleção de obras ao alcance do escolar destinada a recordar a vida infantil naquele país.

Em numerosos casos a escola poderia relacionar-se com centros ou instituições no estrangeiro, que, por sua natureza, estariam dispostas a estimular êsse interesse já despertado. Por exemplo, em alguma escola denominada "Vital Brasil", em recordação do benemérito fundador do Instituto Butantan, poder-se-ia dedicar ao menos uma pequena parte do ano ao estudo do trabalho dêste centro, solicitando para êsse fim a sua colaboração. Estabelecendo êsse ge-

nero de relações seria talvez o modo mais indicado para dar sentido ao nome estrangeiro da escola e biblioteca ou qualquer dependência semelhante.

Outra forma até hoje utilizada para despertar a consciência internacional tem sido o intercâmbio de albuns, atividade desenvolvida com entusiasmo pela Cruz Vermelha Infantil. Essas ofertas poderiam ter um valor mais duradouro se contivessem elementos que ao incorporarem-se à vida escolar se confundissem com a nacional, favorecendo esta identificação de animo da internacionalização. Os cantos predilectos, os jogos mais populares, os contos favoritos que aparecem no album não deveriam ser consignados ao arquivo das boas intenções nem olvidados depois de recebidos. Pelo contrário, sob a criteriosa direção do mestre, deveriam converter-se em delícia dos seus discípulos, para os quais a espontaneidade graciosa não tem distinções nacionalistas. Todas essas manifestações do genio de outros povos continuariam mais uma oportunidade para explicar mediante desenhos e quadros os seus costumes e modos de viver.

Como no caso dos albuns, mas com mais regularidade, poder-se-ia estabelecer o intercâmbio de revistas infantis em que se aproveitasse sem excessos sentimentais os acontecimentos diários da vida escolar, redigidos e interpretados pelos próprios alunos. Quanto à maioria dos países americanos não haveria o obstáculo da diferença de idioma; e mesmo quando houvesse diferença, em mãos de professores hábeis, poder-se-ia transformar em assunto de estudo e comparação de não pouco valor. Se, como de fato acontece na maioria dos casos, os recursos econômicos da escola não permitem o desembolso, um esforço conjunto de várias escolas em uma dada região possivelmente evitaria tal dificuldade, principalmente se pudesse contar com facilidades especiais tais como o desconto comercial. Nesse entrementes poderia efetuar-se a obra suplementaria à base de suas atividades até hoje tão discutidas: primeiro, a distribuição internacional de revistas infantis tais como a Rin-Rin, graciosa pu-

blicação colombiana, mediante um sistema de circulação no qual poderiam muito bem cooperar os próprios escolares; segundo, a fundação, em algum centro, de uma publicação periódica de modestas proporções que traduzisse o espírito juvenil do ponto de vista francamente internacional.

No terreno dos desportes, poder-se-ia explorar possibilidades tais como os concursos por correspondência (exemplo: jogos de damas e de xadrez), publicidade de concursos, prêmios, informações técnicas e biográficas sobre os pequenos concurrentes, quadros e gráficos adornados com as fotografias dos desportistas em ação. Pouco a pouco seria possível conseguir (por correspondência, está claro) combinações de teams à maneira de competição, o que teria por efeito evitar a exaltação localista que hoje os mesmos concursos desportivos internacionais intensificam.

Uma vez desobstruído o caminho para intercâmbio mais real, poder-se-ia estimular as exhibições de arte infantil, sob o amparo de franquia postal e ajustada ao itinerário que lhes desse a mais extensa circulação. Só o professor poderá prever o entusiasmo que seria despertado por uma remessa de desenhos, aquarelas e *crayons*, e a anotação, mediante um grande mapa, da rota que a exposição deveria seguir pelos continentes. Outrossim, tal remessa poderia constar de pequenas coleções representativas de indústrias regionais, com sua respectiva explicação e demais dados de interesse e convenientemente montadas para sua maior proteção. Recentemente, foi recebida no escritório do autor desta um jogo de chapéus em miniatura de palha toquillo (*jipijapa*) em diversos estados de confeção, gentil oferta de uma escola do Equador. Dentro em pouco iniciará esta coleção a sua excursão pelas escolas norte-americanas desejosas de conhecer alguma cousa da indústria chapeleira equatoriana.

A dramatização deveria ocupar um lugar mais proeminente do que o que lhe compete hoje em dia, embora fosse proveitoso revalorizar os métodos. Os espetáculos alegóricos, embora seja certo que se prestam a efeitos cênicos fá-

ceis, não deixam o acervo intelectual emotivo que seria de desejar-se. Em vez de colocar na boca dos escolares conceitos abstratos da amizade, do conhecimento mútuo, da tolerância, etc., seria preferível proporcionar-lhes consulta, desenhos, historietas, cantos, relações de viagens, para que eles procedam à elaboração da obra dramática dando-lhe o pendor e o tom sugeridos por sua imaginação. Quem tiver ocasião de ouvir um grupo de crianças peruanas dizer: "Lembra-se daquela vez que representamos "Finlay e a Guerra aos Mosquitos?", não necessitará de alocações retóricas para convencer-se de que o espírito internacional se infiltra mais eficazmente na juventude. O exemplo inicial bem podia ser dado mediante a leitura de duas ou três peças de argumento simples, mas nunca à base de mera imitação, memorismo ou declamação.

Ao lado de atividades como as acima indicadas, está o campo fértil da organização de clubes escolares. Estas agrupações, parece desnecessário dizer, não deveriam ter como único e exclusivo fim o ideal da paz entre as nações. O plano de ação deveria ser por si atraente ao menino. Depois viriam as relações com grupos no estrangeiro, nas quais se procuraria evitar o perigo de enfasiar com a reiteração daquilo que para uma criança não passará jamais de uma abstração. Os grupos filatélicos e numismáticos poderiam servir de base a um programa desta natureza. Também se poderiam organizar e relacionar entre si grupos para observar e notar as migrações ornitológicas à base do estudo das aves peregrinas, sua classificação e sua identificação conforme um sistema universal. Haveria também a possibilidade de formar um grupo internacional de astrônomos jovens (à maneira do grupo juvenil de Nova York). O que acima fica dito asseguraria o trabalho exemplar americanista dos grupos panamericanos do Rio de Janeiro e de clubes semelhantes nos Estados Unidos e muitos outros países. O intercâmbio de bandeiras, escudos e demais símbolos nacionais poderiam sempre constituir um detalhe importante nos seus programas, qualquer que fosse a atividade escolhida. Poderia ser instituído com proveito no

seio dessas agrupações o estudo e a discussão de atualidades nos diversos países, extraído-se da imprensa e das revistas as notícias que preencham o tríplice requisito de atração intrínseca para a criança, valor positivo cultural e tendência internacionalista. Com o auxílio dos métodos da educação visual, não seria difícil fixar e manter o interesse nos povos longínquos, valendo-se de acontecimentos como o primeiro vôo do "China Clipper" até o oriente e a façanha dos ciclistas argentinos que fizeram a travessia continental de mais de . . . 12.000 quilômetros. Até um fato aparentemente tão remoto da realidade infantil como a Conferência da Paz de Buenos Aires poderia converter-se em tópico interessante, seguindo-se a rota da delegação nacional com alfinetes, fios a cores, etc., aplicados no mapa. Abertos assim novos horizontes, não seria de extranhar que surgissem projetos de estudo mais ou menos permanentes e que tivessem por tema central algum país que em tempos recentes tenha figurado nos cabeçalhos da imprensa ou na secção de rotogravuras da edição dominical.

Quanto à correspondência inter-escolar, pode-se afirmar que não só não deve ser descuidada mas que se deve procurar para ela âmbito de acção e conteúdo mais tangível. Seria conveniente reavivar o projeto para o estabelecimento da livre franquia, tantas vezes discutida. Não escapará a importância disto a quem conhecer as circunstâncias econômicas da maioria das crianças da América, para quem a quantia correspondente a um selo postal é cousa imaginada porém raras vezes vista. Quanto ao conteúdo das epístolas escolares caberiam observações semelhantes às oferecidas relativamente à preparação de peças dramáticas. Não implicaria isto, por outra parte, a supressão de expressões de amizade que até agora tem figurado proeminentemente nessa correspondência.

Em tudo que fica dito não há senão o fim primordial e inconfundível — a preparação moral da criança para a paz. Mas esta preparação, por eficaz que seja, exige continuação quando o educando entra definitivamente no mundo das ma-

térias isoladas. Por equivocada que seja, ao menos na escola primária e secundária, a segmentação do saber humano para fins pedagógicos, o fato é que hoje em dia é a forma que prevalece. Que algum dia se conseguirá de novo uma integração orgânica de matéria, é o que se pode inferir da tendência no sentido da correlação das ciências sociais. Nesse entretanto, será necessário procurar no sistema atual o maior proveito possível no que se refere à afirmação da consciência internacional. Sirva de exemplo o ensino da história.

A campanha a favor da revisão de textos a que antes se fez referência, baseia-se no princípio de que a história não deve ser nem "registro de rancores" nem uma simples exaltação da grandeza nacional. Deve-se banir progressivamente do estudo da história o memorismo consagrado, a cronologia estrita, a indevida ênfase nas façanhas militares e na diplomacia engenhosa, que têm sido outros tantos pesadelos para o escolar indefenso. Raro será o aluno que conserve um sentimento amistoso de um país cujo estudo lhe tenha motivado uma indigestão de datas. Se é mister estudar as guerras do passado, que se expliquem como culminações violentas de forças ativas por muitos anos e às vezes por gerações. Que se deixe para o especialista em tática militar a análise das batalhas, fazendo ver ao aluno que os conflitos armados não surgem da má vontade da nação que sofre sempre a maior parte dos sacrifícios. A guerra, enfim, tem sido, e continua sendo, um fenômeno social com suas causas mais ou menos determináveis. Assiná-los e separá-los de toda a hostilidade para com um povo estrangeiro deveria ser a norma de um curso de história.

Uma conseqüência desse critério seria o restituir às façanhas dos caudilhos militares, que tanto abundam nos textos, o lugar de relativa importância que lhes corresponde na evolução social. Para muitos dos heróis da América isto não resultaria em desprestígio. Pelo contrário, salientaria os seus méritos cívicos, fazendo ver ao Morelos o caudilho, por exemplo, clarividência de homem de Estado, e em Bolívar, o batalhador, convicções de um homem de paz. Da mesma for-

ma introduziria outras figuras de alta significação para a história da América, homens e mulheres de letras, de ciências, de artes e de trabalho cuja contribuição tem ficado até hoje encoberta pela palha seca das revoluções, dos golpes de Estado e das ditaduras. Surgiriam assim, para cimentar o conceito de uma cultura verdadeiramente interamericana, figuras tais como as de Rufino Cuervo, Andrés Bello, Juan Montalvo, Domingo Faustino Sarmiento, Carlos Gomes, Carlos J. Finlay, Vital Brasil, Thomas Alva Edison, Enrique José Varona, José Carlos Mariátegui, e muitos outros, que souberam viver pela pátria com o mesmo valor que outros manifestam ao morrer por ela.

Estes cidadãos, ao lado dos guerrilheiros, representam as múltiplas forças que, em união e em oposição, explicam o passado da América e intervêm no presente. E essas forças, no caso da América, têm tido e continuam a ter uma significação verdadeiramente internacional. A cultura colonial, os nexos raciais, as formas políticas, as maneiras de explorar a riqueza pública são comuns a todos os países da América. Investigar o como e o porque desse passado comum equivaleria a formar cidadãos capazes de perceber êsses inumeráveis vínculos que atravessam invisíveis as raias divisórias do mapa político.

Se é importante, como acima se sugere, dar atualidade ao histórico, é igualmente importante dar historicidade ao atual. No decurso da história deveriam ser apresentados à discussão, resumidamente, os acontecimentos do dia que influenciam tanto na vida do país como no ambiente internacional. Com toda a razão, portanto, devem figurar tópicos tais como a abertura da estrada Laredo-México, o descobrimento de um novo processo químico que tenha relação direta com o bem-estar nacional, a outorga, em vários países, de prêmios de viagem para estudo no estrangeiro, uma conferência nacional, etc. Isso teria por efeito dar a conhecer aos futuros cidadãos, quais as instituições de intervenção direta na aproximação dos povos, e pô-los de sobre-aviso contra

aquelas que intervissem intencionalmente ou não para impedir esta aproximação.

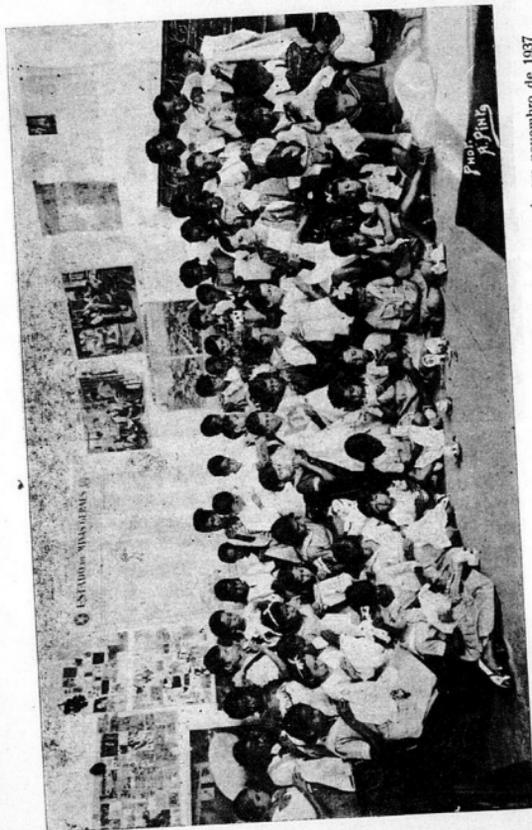
Demasiado fácil é elaborar abstrações em torno de qualquer aspecto do temo da paz, principalmente se se discorre sobre sua relação com o ensino. Desterrar a guerra não é cousa que se pode pedir a universitários, normalistas ou colegiais, muito menos a crianças das aulas primária ou secundária. No ambiente protegido da aula tudo que se pode fazer é inculcar os princípios de uma cidadania mais ampla, e mesmo esses princípios por sua própria natureza idealista, não conduzirão as futuras gerações senão ao tradicional deprecando, a não ser que os dirigentes de hoje resolvam problemas que, lealmente, não podem esquivar. Dêstes, entre outros muitos, é a reforma dos planos de estudo cuja rotina na maioria dos casos muito bem poderia ocasionar a exclusão de atividades ou orientações do tipo acima indicado. Mesmo supondo que se pudesse conseguir a dita reforma, ficariam em pé obstáculos como a falta de matérias, mapas e outras coisas. Nem tudo se pode esperar da abnegação do professor, e talvez não seria demais esperar que em cada Ministério de Instrução Pública dos países da América houvesse em um futuro não muito distante uma seção destinada a fomentar e proteger ideológica e materialmente a manutenção de boa vontade entre os povos. Exemplo digno de imitação apresenta o Departamento de Instrução Pública do Distrito Federal do Brasil, estabelecendo no Rio de Janeiro uma dependência especialmente dedicada a impulsar a paz pelas escolas.

ERNESTO GALARZA.

(1) Publicado no *Boletim da União Panamericana*, dezembro de 1936.



Grupo escolar de Campanha — Uma aula de carpintaria



Grupo Escolar «Dr. Clemente de Faria», de Fortaleza. Aula de trabalhos manuais em novembro de 1937

A educação rural no México

L. E. Nieto CABALLERO

Esta crônica merece ser lida. Ela vem confirmar o que tantas vezes se tem dito, isto é, que a escola vale o que valer o seu professor. Pode faltar-lhe tudo. Tudo terá, porém, se à sua testa se encontra um desses predestinados, como Pestalozzi, Angelo Pátri, como vários outros, anônimos e humildes, que abrem dentro das escolas a sua alma reluzente como uma estrêla, dotada de um poder criador que dignifica a espécie humana.

Os fatos, que aqui se relatam, pareceriam obra de ficção, se muitos de nós soubessemos que tudo isto é possível, pois que já vimos realizações similares em escolas nossas. Haja vista a obra dos clubs escolares de Minas, os trabalhos de Noemia Saraiva em plena metrópole paulistana, as conquistas da Escola Rural "Alberto Torres", de Recife, e tantas e tantas outras atividades de grande valor educativo que se tem levado a efeito por este imenso Brasil em jôra.

O Dr. Frank Tannenbaum, periodista americano que percorre a América Latina, fazendo um estudo detalhado da questão agrária e que já publicou várias obras sobre o estado do índio e seus problemas nos países meridionais, deleitou na semana passada os membros do Rotary Club com uma viva exposição do que ocorre no Mexico.

Mostrou três aspectos do problema. O primeiro é o agrário. De quem depende, a quem pertence a terra? De

que tamanho devem ser as propriedades? Ha Estados, como o de Guanajuato, onde tal problema assume caracteres muito agudo, porque 96% da população vive nas fazendas. E' de muito alcance a reforma para redistribuir as terras e cada dia adquire maior importância a teoria de que quem as trabalha deve ser o seu dono.

O segundo aspecto é o agrícola. Com terras distribuidas nada pode o cultivador com o seu lote, se não possui elementos para beneficiá-lo. E' o problema da produção, estreitamente ligado ao do crédito e ao das culturas. Crédito agrícola, cooperativas, escolas.

Nestas se devem preparar os futuros colonizadores para que, ao chegar à idade do trabalho, se encontrem providas do que vale tanto ou mais que a terra e o crédito os conhecimentos.

O terceiro aspecto, o mais importante, disse o Dr. Tannenbaum, é o social. As cidades pensam que são a nação e se esquecem do resto, das imensas maiorias que vivem debruçadas sobre os sulcos. Hoje os intelectuais já descobriram essa verdade singela de que existe um outro Mexico.

Dessa descoberta nasceu o mais formidável movimento rural, de educação, o mais intenso da América. John Dewey, o grande filosofo dos Estados Unidos, dizia ao conferencista: Esta é a escola mais vital que o mundo tem conhecido".

Vasconcelos, mais que ninguém, tinha o genio e a força moral para abrir o caminho e dar o impulso. A sua apostolica ação e a de seus companheiros e continuadores se deve este espetáculo esplêndido; o México não tinha dinheiro para o grande movimento educacional, que implicava a fundação de escolas em sessenta mil localidades, a formação de sessenta mil professores e os demais elementos para essa obra colossal e, sem embargo, atacou a reforma.

A maneira de agir foi simples e foi sublime. Vasconcelos enviou às principais regiões mestres-missionarios, escolhidos entre os intelectuais, com esta breve mensagem: apoiem a obra educacional do governo, dêem terra, façam as escolas,

sintam que se estão incorporando em uma grande transformação libertadora.

E o povo escudou. No pedaço de terra cedido pelo município ou adquirido por particulares todos trabalhavam de graça. Levavam a pedra, o ladrilho, as madeiras e construíam. A um indiozinho o Sr. Aannenbaum perguntou:

— Por que está sem tétó esta escola?

E ele respondeu com fé, com orgulho, com entusiasmo.

— Nós o colocaremos depois da safra.

Não esperavam os aldeões senão a colheita para oferecer recursos. Assim se construíram dez mil escolas que não custaram ao governo nem um centavo.

E' de uma beleza radiante a maneira por que tudo se foi formando, em pequenas povoações, em torno da escola.

Uma vez construído o edificio, o mestre convidou os habitantes a cortar troncos para fazer as mesas e os bancos. Depois, a horta para colher legumes. E os animais domésticos. Era preciso ter galinhas, perús e coelhos; era preciso criar os leitões até que ficassem redondos e reluzentes como os das revistas.

Assim tudo o mais. O mestre os persuadia de que a escola do povoado era o próprio povoado. Improvisou-se arquiteto, carpinteiro, latocero; foi ensinando tudo e aprendendo ao mesmo tempo com quem conhecia os officios. Transformou a horta em granja experimental.

Trouxe livros. Improvisou a banda de música: um povoado sem música não é um povoado, senão um aglomerado de casas profundamente tristes.

Pô-los a cantar; disse-lhes que na escola devia estar a farmácia. Os indiozinhos deram suas colheitas para comprar as drogas e adquiriram noções de hygiene e de sistemas curativos para o indispensável.

Continuou falando o mestre:

— Como iriam viver sem banho? E entre todos construíram o banho, a piscina d'água clara para o gozo indizível da frescura e do asseio.

— Por que não um teatro ao ar livre? Fizeram o teatro.

— Por que não um club? A escola converteu-se em um club.

Os velhos, os trabalhadores, depois de suas fainas, iam à escola conversar, ler e divertir-se. Toda a aldeia ficou concentrada na escola e a escola adquiriu fundos próprios, ministrados pelos aldeões, do preço de suas colheitas, sob a direção carinhosa do mestre anímado.

Esses mestres anímodos se vão fazendo por si mesmos e brotaram no Mexico, como uma colheita de cerejas.

Há que fazer mestres rurais da própria localidade e não da cidade.

O sr. Tannenbaum conheceu mestres que apenas sabem ler e escrever, porém que são mestres de verdade, porque têm o espirito. O ministro da Educação, D. Narciso Bassols, que é como um santo e, além disso, o maior educador que em toda a sua existência tenha visto o Mexico, organizou um tipo de escola rural como mestre, músico, arquiteto, médico, agricultor, carpinteiro, que constituíam uma missão, a qual foi, e continua indo, de aldeia em aldeia, para levar a todos, além do ideal, os conhecimentos de que carecem.

Propôs-se a missão sobretudo a ensinar a maneira de tratar as crianças e formar os mestres. Desenvolveu uma atividade enorme para iluminar cerebros, alegrar corações, canalizar vocações para os diferentes ofícios.

Há já 16 escolas normais rurais com cerca de 400 alunos cada uma. E assim esse grande país encontrou a forma para tornar frutuosa a vida, econômica e espiritualmente.

Não se deve levar as crianças à cidade para educá-las, por que elas não regressariam à aldeia. É a lição mexicana. As crianças na escola rural fazem tudo, produzem tudo. Flôres, frutos, legumes, móveis, roupa. Têm vacas, cavalos, porcos, coelhos, galinhas, que aprendem a tratar, que amam como a criaturas de sua familia, mesmo quando seja para

depois comer alguns. Eles mesmos cosinham, aprendem ofícios diferentes, entram na grande corrente da vida sem o sentir, como em um interminável jogo.

Tudo é trabalho cooperativo. E têm estabelecida a justiça cooperativa. A escola elege toda espécie de comissões para resolver toda espécie de problemas.

A verdadeira força de um país como o nosso, lembrou o senhor Tannebaum, é o campo e as crianças devem progredir no campo e com os recursos do campo.

Essas aldeias pastoris e agrícolas, de terras ferazes, praticamente desconhecidas, não têm que se iniciar — falamos da maioria — nos misterios e nos perigos da grande indústria, arrancando à terra, para que se corrompam nas cidades, os que nela são os imponderáveis criadores de felicidade e de riqueza.

John Byan disse: "O Mexico é o único país que tem feito algo de novo, algo de próprio, em materia de educação rural". Sua contribuição à humanidade sob esse aspecto é muito importante. E esse movimento, de proporções gigantescas, apenas conta dez anos.

Lá se tem carinho pelo índio, o orgulho do índio a convicção profunda de que no fundo da raça se encontram formidáveis capacidades latentes. O Dr. Tannenbaum, que fala com emoção, com o mesmo espirito apostólico que admira, despertou em quantos o escutam com interesse crescente, um entusiasmo, de que é um palido reflexo tudo quanto temos querido reconstruir nestas linhas.

Saudamos com alvoroço, ante essa realização exemplar, o grande povo do Mexico. A melhor lição de sua vida e de sua história é essa criação dos humildes, essa criação de riqueza e de poder que brota do próprio seio da democracia.

O ministro da educação — secretário como lá o chamam — é um homem que vai de aldeia em aldeia, que chega à serra, que desce ao vale e que em todas as partes comunica ao índio o contágio de sua fé e de seu entusiasmo.

Há mais: uma lei recente, que entrou em vigor a 1.º de Janeiro, dispõe que todo estudante de medicina, ao terminar seu curso, há de percorrer o país sem outro auxílio além de uma ajuda de custo, prestando gratuitamente seus serviços e instruindo os mestres, como compensação pela educação que recebeu do Estado.

Até hoje o índio tinha nascido, vivido e morrido sem conhecer médico. Pela primeira vez vai o México ter um excelente serviço em todas as aldeias, em todas as escolas rurais, em todas as fazendas. E o médico aproveitará da experiência e do conhecimento do país, para especializar-se e para radicar-se ali, onde as condições do ambiente consultem melhor sua vocação, seu temperamento, seu anelo ao trabalho.

Com um nada, praticamente se fez a mais sensacional transformação. Não há país algum, dos que possuem o problema do índio, do aldeião, que possa equiparar-se ao México, no calor de humanidade, no carinhoso interesse que tem posto em sua educação e em seu progresso.

Isto sim — é apostolado. Isto sim — é contribuição ao progresso da espécie, ao robustecimento do ideal de pátria.

O sr. Tannenbaum é um panegirista dessa reforma. Quiséramos que a Colômbia o imitasse. Olhamos para a grande nação com uma santa inveja e nos descobrimos ante os nomes redentores de Bossals de Vasconcelos, que assim lograram colocar sua nação na vanguarda dos educadores do mundo.

L. E. NIETO CABALLERO

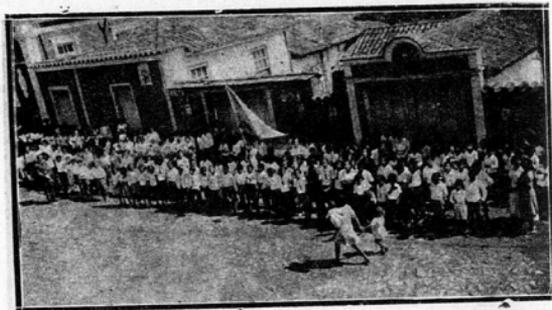
Transcrito de *Repertório Americano*, de maio de 1934.



Grupo Escolar de Entre Rios
Assistindo à Saudação à Bandeira, no Dia da Pátria.



Grupo Escolar de Entre Rios
Exercícios ginásticos no Dia da Pátria.



Grupo Escolar de Entre Rios
Assistindo ao hasteamento da Bandeira em frente à Prefeitura Municipal, no
Dia da Pátria.



Grupo Escolar «Ribeiro de Oliveira», de Entre Rios
Festejando a entrada da primavera no Dia da Árvore.

O trabalho cultural da biblioteca infantil do Chile

Margarida Miéres de RIVAS

(Diretora da Seção Infantil da Biblioteca Nacional)

A obra da biblioteca, seus objectivos e seus metodos, eram até há pouco completamente desconhecidos. Uma biblioteca era para muitos, senão para a maioria das pessoas, uma coleção de livros, que servia de objecto de luxo ou de ostentação na cultura de um povo. Só nos ultimos anos é que se vem compreendendo o seu devido valor como elemento indispensável no progresso das nações.

Com justa razão disse Emerson: "Quantas vezes um livro tem feito o futuro de um homem". E, contudo, a esta verdade hoje em dia tão reconhecida por todos nós, não se lhe dava a devida importância, e a biblioteca continuava fria, hermética, indiferente, encastelada com os seus valiosos tesouros, sem desempenhar a missão que lhe correspondia no progresso social.

Se isto podemos dizer da biblioteca em geral, que diremos das bibliotecas infantis, das quais nem se concebia a existência até há bem poucos anos atrás!

As bibliotecas infantis não datam de há muitos anos a esta parte na história do progresso nas nações. Estas bibliotecas, junto com a escola, estão chamadas a realizar a importantíssima obra da formação do futuro cidadão. Em outros tempos eram entidades que marchavam em completo divórcio, sem nexos algum, sem a menor afinidade em seus trabalhos. Só ultimamente é que se tem compreendido a

imperiosa necessidade de fazer da escola uma aula atraente que irradiar alegria; do mesmo modo que se tem compreendido que a biblioteca é um estabelecimento do qual deve irradiar ensino ativo por meio do empréstimo dos seus livros e pelo trabalho social assim desenvolvido.

Mais ainda; tem-se chegado a compreender que a escola e a biblioteca devem marchar unidas na consecução do mesmo fim, isto é, a culturização da sociedade em que atuam.

Dia a dia, de acôrdo com estas idéias e tomando em conta que o trabalho educacional deve começar pelas crianças, a biblioteca vai entrando pouco a pouco na escola com a sua literatura infantil, para remoçar o ambiente escolar e enriquecer de uma maneira livre e atraente o espírito das crianças.

Foi na Inglaterra o primeiro país que iniciou este trabalho em meados do século passado. Todavia, é indiscutível que os Estados Unidos são a nação que marcha na vanguarda do movimento relativo à criação, manutenção e eficiência das bibliotecas infantis.

Na América do Norte, todas as bibliotecas públicas, por pequenas que sejam, contam com um departamento especial para crianças. Os norte-americanos têm compreendido, melhor que nenhum outro povo, que para conseguir a cultura de uma nação deve-se começar pela criança, já que ela será o homem ou a mulher de amanhã.

Nos últimos anos os latino-americanos têm seguido o exemplo daquela nação, e hoje funcionam bibliotecas infantis em vários países, entre outros, Argentina, Chile, e mui especialmente Mexico, onde a sua difusão se deve ao ex-Secretário de Estado e conhecido homem público e de letras, Dr. José Vasconcelos.

A organização da Biblioteca Infantil do Chile data do ano de 1925, e graças à compreensão dos progressistas chefes que têm ocupado a Diretoria Geral de Bibliotecas, é hoje uma das primeiras da América do Sul.

A nossa biblioteca infantil está dividida em duas seções: a secção infantil, propriamente dita, que atende às crianças de 6 a 14 anos e a secção intermediária, para jovens de 14 a 18 anos de idade mental.

Dêsde que foi criada, até à atualidade, tem ido em constante progresso, tanto no que se refere ao número de leitores matriculados, como à assistência diária, o acervo de livros, e, especialmente, ao trabalho social que desenvolve.

Como talvez os pais de família, os professores e, em geral o público não tenham um conhecimento cabal da obra realizada pela biblioteca infantil, vou descrevê-la resumidamente.

No ano de sua fundação alcançou uma assistência anual de 2.028 leitores e foram lidas 2,084 obras. Em 1932 teve uma assistência de 52.317 leitores e uma circulação de 61,191 volumes. Nossa biblioteca infantil, que começou com uma sala de leitura e com 100 volumes, tem hoje duas salas de leitura e possui 5.000 volumes. O progresso alcançado é considerável, mas para obter estes resultados, o pessoal da biblioteca teve de fazer um trabalho de propaganda cuidadoso e continuado. Procurou a criança no seu próprio lar, para convencer os pais da conveniência de que seus filhos frequentassem a biblioteca. E não era pouco o trabalho que nos custava persuadi-los! A generalidade dos pais tinha por inútil e até pernicioso a assistência dos seus filhos no estabelecimento! Era um argumento muito comum dêles o de que os seus filhos "já sabiam lêr," e que a assistência à biblioteca "não significava outra coisa senão perder tempo". Não compreendiam que por meio da leitura assegurariam e ampliariam os seus conhecimentos, e de que com isso gozariam de uma distração agradável e útil. Custa dizê-lo mas o fato é que até uma jovem professora de uma escola superior, no ano 1930, tinha o mesmo conceito que esses pais, e castigava as alunas que sabia vinham ler na biblioteca, prendendo-as depois das aulas ou abaixando-lhes a nota de conduta.

Quadro comparativo do movimento das secções infantil e intermediária da Biblioteca Nacional do Chile durante os anos 1928 e 1933

LEITORES	1928	1933
Leitores nos salões	21,719	42,524
Leitores em domicilio.....	12,649	15,513
Total	34,368	58,037

ASSUNTO DAS OBRAS LIDAS

	Número de obras (1928)	Número de obras (1933)
Obras gerais.....	10,165	16,417
Filosofia.....	12	641
Religião.....	20	29
Ciências sociais.....	138	226
Filologia.....	204	329
Ciências pura.....	1,669	2,517
Ciências applicadas.....	237	484
Belas artes.....	295	167
Literatura.....	24,950	49,131
História e geografia.....	2,110	6,684
Total	39,741	76,746

Ao nosso ver, essas pessoas acreditavam que na biblioteca infantil só existiam novelas e contos, e que tais obras não tinham importância alguma para os fins immediatos que elles prosseguiam com a instrução de seus filhos, isto, é, habilitá-los a obterem algum emprego ou prepará-los para uma carreira profissional.

A biblioteca infantil oferece vantagens muito mais amplas que as de mera instrução. Na escolha dos livros

para constituir a biblioteca tem-se procurado preencher as finalidades visadas pela sã literatura em geral, a saber: a formação, a recreação ou conforto d'alma, a inspiração e a aquisição de experiência. Do mesmo modo tem se considerado a qualidade do livro, visto ser de importância primordial despertar na criança o gosto pela boa leitura.

A obra educacional da biblioteca infantil e intermediária não tem só visado orientar o jovem na leitura, sinão também estimular as suas aptidões naturais e corrigir os seus máus costumes, hábitos ou vícios.

Na dita biblioteca emprega-se o sistema de estantes abertas, às quais vão os alunos pessoalmente escolher as obras que desejam ler, de entre as já recomendadas pelos professores ou pelo pessoal da biblioteca infantil. Tem sido considerado contraproducente o uso do sistema de estantes fechadas, porque com isso transparece certa desconfiança injustificada, pois os pequenos leitores pela maior parte são de bons costumes. O presente sistema denota confiança no leitor, e elle, compreendendo isso, é mais honrado.

Outro dos deveres importantes do pessoal bibliotecário é a visita domiciliária aos pais de familia, sob algum pretexto, para cientificar-se das condições de vida do menino, tanto intellectuais como morais.

Procura-se também reter o leitor nas salas de leitura o mais tempo possível, o que preenche de certo modo um dos propósitos da biblioteca; atrair as crianças a um centro intellectual para afastá-las das más companhias e dos vícios.

O pessoal tem a obrigação de conhecer todos os livros da secção infantil ou intermediária, para poder dar referên-cia dos mesmos e saber quais as obras que convém a determinado leitor. Ao mesmo tempo, deve conhecer o material que existe nos outros departamentos da biblioteca geral, afim de poder indicar aos alunos a obra que, por uma razão ou outra, não se encontra em nossas estantes.

A biblioteca adapta, pois, os seus métodos às necessidades e interesses peculiares dos pequenos leitores, estimula o

gosto pela boa leitura, toma conhecimento das condições em que funcionam os colégios, seus programas de estudos, etc. Está em contacto directo com os professores, para assim conhecer melhor os alunos por intermédio deles.

O pessoal atende com prontidão e afabilidade, às necessidades dos meninos e meninas, antecipando os seus desejos e procurando convencê-los de que a biblioteca aí está para prestar-lhes auxílio no que necessitam para estudo ou distração. Trata até onde possível de prepará-los para a vida, de instruí-los, de criar nêles hábitos sãos, tanto no que diz respeito ao aspecto intelectual da vida como ao físico e ao moral.

Conforme os dados estatísticos já indicados, tem-se podido apreciar o progresso alcançado no número de leitores. Para conseguir êste propósito, além do que já se disse acêrca das visitas especiais aos pais, tem-se feito também uso de outros meios, a saber: em primeiro lugar, a atenção esmerada e afável para com as crianças, que são tratadas com a mesma cortesia que os adultos. Um leitor bem contente e satisfeito com os serviços da biblioteca, é o melhor propagandista entre os seus amiguinhos.

Um dos meios mais eficazes e que tem dado muito bons resultados, é a "Hora do Conto" para atrair os pequeninos que ainda não sabem ler. A "Hora do Conto" é também um meio que se põe em uso para interessar os pequenos na leitura de uma determinada obra.

Em resumo, temos atraído de tal modo as crianças, que elas têm em cada uma de nós uma confidente de seus delicados e puros problemas sentimentais e um guia em seus ideais. Com êste intuito tratamos de dar-lhes plena confiança para que, sem timidez, possam nos expôr as suas penas, a sua situação económica, os seus dissabores no lar, suas dúvidas e até os seus afetos pessoais. Com efeito, os meninos têm-nos posto em muitas ocasiões em duros apertos para resolver, com critério sereno e inteligente, os casos excepcionais que nos apresentam...

O nosso trabalho consiste também às vezes em dar orientação quanto à carreira que os jovens deverão seguir depois de terminados os preparatórios. Frequentemente, depois de terminado o período de exames secundários, 25 ou 30 jovens nos procuram para pedir solução de suas perplexidades quanto aos estudos que deverão seguir, e não raro vemos depois seguindo precisamente a carreira que lhes havíamos recomendado, uma vez consultados os seus gostos, as suas aptidões e os seus meios econômicos...

O sentimento de cooperação tem-se desenvolvido também entre os leitores, particular êste em que se tem obtido bons resultados, sem prêmio de espécie alguma, mas unicamente pela própria vontade de cada um.

É um caso psicológico. Por outro lado, o menino parece que se sente mais feliz podendo se dirigir à estante em procura do que deseja.

Nos casos de subtrações de livros, como indubitavelmente tem acontecido, não se tem feito os pequenos transgressores passar pela vergonha de serem detidos pela policia ou expulsos do estabelecimento, por se entender que êstes meninos necessitam mais do nosso auxílio para a sua correção e ensino. Tem-se observado que os leitores que cometem esta falta não reincidem e que muitas vezes são depois os mais zelosos cuidadores dos livros de sua biblioteca. Como illustração disso citarei o seguinte caso: um leitor em certa ocasião havia subtraído um livro de estudo, porque, segundo êle, necessitava do livro para preparar as suas lições. O rapazinho foi repreendido de uma maneira suave e carinhosa, dando-se-lhe bons conselhos e até agora nunca mais cometeu tal falta, o que podemos assegurar porque durante algum tempo foi submetido a observação sem dar por isso. Pois bem; passado algum tempo, enquanto êle consultava um dicionário, viu outro menino arrancar uma fôlha de um livro de leitura. Nisso o nosso leitorzinho corta um pedaço da fôlha do seu caderno de notas, escreve umas tantas palavras e dissimuladamente o entrega à pessoa encarregada da sala, sentando-se em seguida para continuar o seu trabalho. O papel dizia: "Senhorita,

o menino que está sentado à minha direita arrancou umas folhas do livro que está lendo, as quais introduziu no seu bolso interior esquerdo juntamente com outros papéis."

A biblioteca empresta os livros por uma semana com direito a renovação no caso de ser necessário. É grato notar que a maior parte das crianças cumprem com exatidão os regulamentos, porque se lhes tem feito compreender o prejuízo que ocasionariam aos demais leitores com a não devolução oportuna das obras cuja retirada a domicílio lhes tenha sido facultada, já que estes devem prestar seus serviços ao maior número possível de leitores. Os que, por razões justificadas não tenham cumprido com este regulamento, demonstram com as suas excusas ser concientes do prejuízo que ocasionam. Lerei uma carta do meu arquivo de correspondência infantil: "Senhora: levo ao seu conhecimento que, achando-me em Antofagasta por motivos de saúde, não pude ir devolver o livro que tenho em meu poder. Rogo-lhe se sirva dizer-me quanto lerei de pagar ao devolver o livro, porque não quero causar prejuízo à biblioteca. Esperando o favor de sua resposta despede-se o seu leitor."

De tal forma tem a biblioteca educado os seus leitores no sentimento de responsabilidade no cumprimento do dever!

Tem-se dito frequentemente que três quartas partes do êxito da biblioteca dependem do pessoal encarregado de atendê-la. De acordo com este modo de pensar, a diretoria geral da biblioteca tem tratado até onde possível de providenciar para que as funcionárias da biblioteca infantil e intermediária reúnem condições especiais de caráter e de preparação para atender aos seus leitores.

Nem toda a pessoa pode atender a uma biblioteca infantil. As suas funções não se limitam à tarefa mecânica de entregar o livro pedido. É preciso ser uma educadora no sentido mais elevado da palavra, profundamente compenetrada de sua missão; deve conhecer a literatura infantil a fundo, e também a psicologia da criança; deve antecipar-se a meudo aos desejos das crianças, proporcionando-lhes o livro, a gra-

vura, o mapa, a poesia, o material que necessitam para preparar as suas tarefas.

A bibliotecária deve ter conhecimentos pedagógicos, pois tem que orientar e guiar a criança em sua leitura, adivinhar tendências, criar bons hábitos, corrigir defeitos.

De toda a maneira trata o pessoal de atrair os meninos e as meninas à biblioteca, e uma vez conseguido este objetivo trata de dirigí-los e orientá-los em suas leituras, de acordo com os seus gostos, seus interesses, e especialmente com a sua idade mental. Procura, outrossim, inspirar confiança nos jovens leitores, com sua afabilidade e bom humor, para conseguir que eles se dirijam sem hesitação às encarregadas do serviço quantas vezes for necessário. Além disso sempre se procura trazer à sua atenção de uma maneira indireta as novas obras que tenham chegado ou as que lhes conviria ler.

Como a biblioteca infantil em fins do ano, mais ou menos nos primeiros dias de outubro, suspende o empréstimo de livros a domicílio, para que os alunos não descuidem os estudos na época de finalização dos seus cursos, então o pessoal se dedica a auxiliar os leitores na preparação de seus exames. É grato dizer que a maior parte dos jovens dos cursos superiores e mesmo universitários, ex-leitores, se oferecem de boa vontade para nos auxiliar neste trabalho, com paciência, critério, responsabilidade e carinho.

É frequente observar que muitos alunos, ao ter conhecimento de que outros necessitam de textos de estudo, oferecem espontaneamente os seus que conservam de anos anteriores. Há na realidade estudantes tão pobres que, para poderem preparar as suas lições, veem copiar os textos na biblioteca.

Fomenta-se assim nos leitores o carinho para com a biblioteca e impõe-se-lhes a necessidade e a conveniência de manter a coleção de livros, tanto no que se refere à sua integridade como ao seu incremento e conservação. Muitos livros têm sido oferecidos à biblioteca pelas crianças.

Tem-se conseguido inculcar nos pequenos leitores a idéia de que a biblioteca lhes pertence e que, portanto, de-

vem cuidar dela como cousa de sua propriedade. A propósito cabe recordar um dos casos que geralmente ocorrem. Dois rapazinhos de 10 e 12 anos estavam se esbofeteando a um canto da sala de leitura. Aproximei-me para indagar o que havia, e um deles, o mais animoso na peleja, em vez de responder à minha pergunta sobre o que se passava, me disse: "com sua permissão, senhora", e deu duas ou três bofetadas mais ao outro, que havia ficado estacado com a minha chegada. Dirigindo-me então novamente ao primeiro, perguntei-lhe: "Porque lhe bates?" E respondeu-me: "Porque estava arrancando uma fôlha ao meu livro" (era um "Tesouro da Juventude" que o outro estava lendo), e em seguida acrescentou: "Não nos disse a senhora que os livros são nossos?"

A biblioteca mantém uma agência de empregos gratuita. Outrossim, em vista do fato de haver muitos meninos cujos pais não possuem recursos para fazer frente a cuidados médicos, a biblioteca tem conseguido que dois médicos, os drs. Eduardo Segura e Juan Luiz Jirón, lhes prestem os seus serviços gratuitamente. Basta uma carta de apresentação nossa para que os generosos facultativos os atendam profissionalmente.

Também atendemos aos leitores não só na biblioteca senão também fora dela, prestando-lhes apoio na qualidade de intermediários nos colégios onde estudam.

A biblioteca infantil não considera o seu trabalho terminado quando o leitor chega à idade de 18 anos; mas vai além disso, introduzindo-o na secção de adultos da biblioteca geral, e tornando-se responsável pela conduta dos que foram os seus leitores. No ano de 1932, ingressaram na secção de leitura a domicílio 120 jovens, e nos é grato dizer que todos eles têm cumprido devidamente com os regulamentos, fazendo honra à obra educativa das nossas secções infantil e intermediária.

Ainda mais; o trabalho da biblioteca não se tem limitado aos leitores que a ela acodem, mas tem-se estendido às escolas e liceus, estabelecendo sucursais. Para manter estas bibliotecas entregam-se às escolas de 50 a 60 livros, que de-

vem ser renovados cada 20 dias. Contamos atualmente com 15 sucursais.

Depois do que fica exposto, devemos reconhecer que as bibliotecas infantis, com métodos e organização modernos e pessoal preparado, constituem, junto com a escola, um dos fatores mais importantes do engrandecimento e progresso na vida de uma nação. Elas ajudam a educação na sua tarefa de amoldar a personalidade do futuro cidadão, de formar seu caráter e seus ideais.

As bibliotecas infantis se impõem, e é indispensável a criação delas em cada cidade, em cada povoação. Só quando esse sonho de progresso nacional for uma realidade, é que poderemos dizer que temos alcançado o ideal de uma pátria maior, mais culta, mais perfeita.

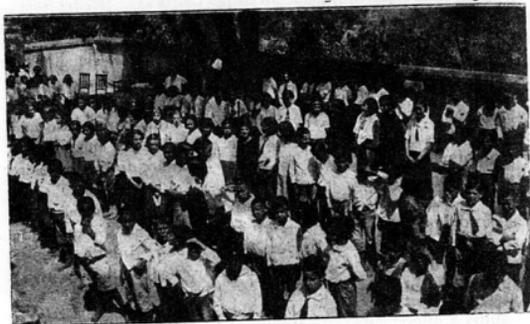
MARGARIDA MIRÉES DE RIVAS.

(1) Reproduzido do *Boletim* da União Pan-americana de abril de 1936.

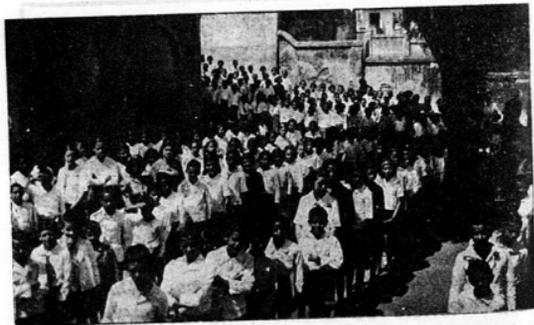
ASSINATURA DA "REVISTA"

Ano	24\$000
Semestre	12\$000
Número avulso, 2\$000	
Coleção de um ano	25\$000

Os pedidos devem ser enviados à Diretoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo-Horizonte.



Grupo Escolar de Entre Rios
Assistindo ao hasteamento da Bandeira no Dia da Pátria.



Grupo Escolar de Entre Rios
Formatura dos alunos durante as solenidades civicas do Dia da Pátria.

Estatutos da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais

CAPITULO I

Da Associação, sua sede e seus fins

Art. 1.º. Fica instituída, no Estado de Minas, com sede em Belo Horizonte, a Associação dos Professores Primários de Minas Gerais.

Art. 2.º. A Associação, de duração ilimitada, terá por fim:

- a) defender os interesses do Professorado;
- b) elevar a classe por todos os meios ao seu alcance;
- c) incentivar o espírito de solidariedade e união entre os seus associados;
- d) favorecer o desenvolvimento intelectual e moral e a cultura pedagógica do professor;
- e) prestar assistência moral e, oportunamente, pecuniária, aos sócios, em caso de necessidade.

Art. 3.º. Para alcançar seus fins, a Associação representará, junto ao Governo ou Congresso, sobre projectos de lei ou regulamentos referentes aos interesses da classe e do ensino; promoverá conferências, exposições, curso de extensão pedagógica e outros meios de propaganda do ensino e educação; organizará uma biblioteca pedagógica para uso das sócias; fará circular mensalmente um boletim, revista ou jornal, sobre as atividades da Associação e ques-

ções referentes ao ensino; manterá serviços de procuradoria com vantagens pecuniárias para os sócios; promoverá excursões nos períodos de férias, dentro e fora do país; promoverá a criação de uma caixa beneficente, manterá estreito intercâmbio entre todos os sócios do Estado, atendendo a consultas de caráter pedagógico, que visem o aperfeiçoamento dos processos do ensino; organizará na sede um museu pedagógico, com o material colhido e selecionado nas excursões realizadas; promoverá, mensalmente, reuniões sociais de caráter recreativo e cultural; promoverá a vinda de pedagogos ilustres e intelectuais brasileiros e estrangeiros.

Art. 4.º. O número de sócios será ilimitado.

Art. 5.º. Poderá ser membro da Associação todo professor público primário que reúna os seguintes requisitos:

- a) estar em perfeito gozo de saúde;
- b) não estar sujeito a pena infamante, nem responder por processo disciplinar.
- c) ter idoneidade moral e profissional.

Art. 6.º. A proposta para a admissão de sócio será feita e assinada por dois sócios, e endereçada ao presidente, que a encaminhará à Comissão de Sindicância, de cujo parecer o Conselho tomará conhecimento, afim de admiti-lo ou não.

Art. 7.º. Considerar-se-á sócio empossado aquele que receber o respectivo diploma ou caderneta.

CAPÍTULO II

Da classificação dos sócios

Art. 8.º. Serão sócios:

- a) fundadores, os que promoveram a criação da Associação;
- b) sócios efetivos, os candidatos aceitos de acordo com o art. 6.º, dos presentes estatutos, tirados do magistério público primário; estagiárias, substitutas em período não inferior a um ano, professores interinos e efetivos, pro-

fessores técnicos, auxiliares de diretores de Grupos e Escolas Infantis e Inspetores.

c) beneméritos, os que fizerem à Associação apreciável donativo;

d) honorários, aquelas pessoas que, ainda não pertencendo ao magistério, houverem prestado notório serviço à causa do ensino, ao professorado ou à Associação, a critério da Diretoria.

CAPÍTULO III

Direitos dos sócios

Art. 9.º. São direitos dos sócios fundadores e efetivos:

- a) discutir, votar e ser votado nas assembléias, estando quites com a Associação;
- b) fazer conferências sobre assuntos de interesse geral, que beneficiem a classe ou membros da referida Associação.
- c) reclamar contra as infrações dos estatutos;
- d) propor a admissão e demissão de sócios;
- e) receber os boletins publicados, oportunamente, pela Associação;
- f) requerer beneficência ou empréstimos à Caixa Beneficente, quando estiver em funcionamento esta parte dos estatutos.

Art. 10. São direitos dos sócios beneméritos e honorários:

- a) tomar parte nas assembléias, discutir e votar;
- b) fazer conferências, de acordo com a letra "b", do artigo 9.º.

Art. 11. Os sócios não respondem subsidiariamente pelos compromissos assumidos pela Diretoria.

CAPÍTULO IV

Deveres dos sócios

Art. 12. São deveres dos sócios fundadores e efetivos:

- a) colaborar com a Diretoria em todas as medidas que forem úteis ao aperfeiçoamento do ensino;
- b) conhecer, cumprir e fazer cumprir as disposições dos presentes estatutos;
- c) promover, por todos os meios, o engrandecimento da Associação;
- d) comparecer às sessões ordinárias e extraordinárias, com exceção dos que residirem fora da Capital;
- e) aceitar os cargos para os quais fôr eleito ou nomeado, não podendo renunciá-los, senão por motivos justificados;
- f) pagar a joia de 5\$000 e, pontualmente, as mensalidades, considerando mês corrente, qualquer que seja o dia da admissão.

Parágrafo único. Ficam isentas de joia as estagiárias e substitutas;

- g) satisfazer qualquer compromisso que assuma perante a Associação;
- h) acatar as resoluções legalmente tomadas pela Diretoria e respeitar seus membros;

Art. 13. A mensalidade, que será, inicialmente, de 1\$000, poderá ser elevada, a juízo da Diretoria e consentimento da Assembléia.

Parágrafo único. As joias e mensalidades pagas pelos sócios serão depositadas em banco, coletoria, caixa econômica ou estabelecimento de crédito equivalente.

CAPÍTULO V

Das penas

Art. 14. Perderão os respectivos direitos:

- a) os sócios da Capital que deixarem de pagar suas mensalidades no prazo de 3 meses ou faltarem a 3 sessões consecutivas, salvo motivo justificado;
- b) os que concorrerem, de qualquer modo, para o descrédito da Associação;

c) aqueles que, abusando da boa fé da administração, procurarem obter, indevidamente, para se ou outrem, favores da Caixa Beneficente;

d) os que não prestarem conta exata dos dinheiros da Associação, a eles confiados;

f) os que, em caso de reincidência, em fama grave, sejam julgados indignos do convívio dos demais sócios, segundo parecer do Conselho, que se baseará nas informações prestadas pela Comissão de Sindicância;

g) aqueles que, por abuso de confiança, praticarem qualquer ato em nome da Associação;

h) os sócios que não guardarem o devido sigilo dos assuntos reservados tratados nas reuniões da Diretoria e do Conselho;

i) os membros da diretoria que não comparecerem às reuniões, sem causa justificada, pagarão uma multa de 3\$000;

j) se faltarem a 4 reuniões consecutivas ou a 6 alternadamente, serão destituídos de suas funções;

k) a justificação da falta só será aceita antes de terminada a reunião.

CAPÍTULO VI

Das Excursões

Art. 15. As excursões terão por fim colocar os sócios em contacto com os centros mais culturais do país, onde possam adquirir novas experiências: aumentar o seu cabedal de cultura pelo conhecimento da vida econômica e social de outros Estados; e finalmente incentivar e desenvolver o espírito de solidariedade entre todos os professores brasileiros.

Art. 16. As excursões terão lugar nos períodos de férias: junho, dezembro e janeiro.

Art. 17. Serão planejadas com devida antecedência, afim de que se possa estabelecer a contribuição mínima de cada excursionista.

Art. 18. Delas participarão todos os sócios que se inscreverem, depois de conhecidas e aceitas as condições estabelecidas.

Art. 19. Os excursionistas serão distribuídos em turmas conforme a localidade escolhida, obedecendo as inscrições a um certo critério que permita, dentro do mais breve prazo, a todas as sócias realizarem essas viagens.

Art. 20. Serão destacadas para chefiar essas caravanas elementos de incontestável destaque e cultura no seio da sociedade.

Art. 21. Os excursionistas se obrigarão a respeitar e acatar as condições estabelecidas por esses dirigentes, afim de que os objectivos da excursão sejam plenamente atingidos.

Art. 22. A Associação contribuirá com uma parte para o custeio das excursões, obrigando-se a conseguir do governo do Estado abatimento nas passagens em estradas de ferro e outros meios de locomoção; bem como redução nos hotéis, estâncias de águas minerais, etc., etc.

Art. 23. De regresso da excursão será nomeada uma comissão para relatar a viagem realizada e os resultados alcançados, constituindo-se, assim, preciosas memórias, que serão publicadas em boletins e distribuídas pelos estabelecimentos de ensino.

Art. 24. A Associação de Professores Primários poderá entrar em entendimento com o Touring Clube do Brasil, sociedade brasileira de turismo, reconhecida pelos poderes competentes, para organização de excursões, passeios coletivos, etc.

CAPITULO VIII

Da Caixa Beneficente

Art. 25. O fim da Caixa Beneficente é prestar assistência pecuniária aos seus associados, em caso de moléstia ou situação precária.

Art. 26. O patrimônio da Caixa será constituído de joias e mensalidades dos sócios, donativos, legados, juros e produtos de festas.

Art. 27. A despesa compreenderá: auxílios de beneficência, empréstimos de emergência e despesas gerais.

Parágrafo único. A Caixa só iniciará as suas operações, quando dispuser de fundo, em numerário suficiente, a critério da Diretoria.

Art. 28. A título de empréstimo, a Caixa, a critério do Conselho, poderá fornecer aos sócios efetivos e fundadores, de acordo com o fundo disponível e o art. 19, mediante promissórias, um empréstimo até a quantia de cem mil réis mensais, não podendo tal auxílio exceder o prazo de seis meses, cuja reposição se fará em prestações mensais, mínimas de 25\$000.

Art. 29. Para que o sócio, no caso de enfermidade e emergência, tenha direito ao empréstimo, é necessário que apresente, ou pessoa idônea por se, um requerimento acompanhado dos seguintes documentos:

- a) atestado médico, com firma reconhecida;
- b) recibo da última mensalidade paga;
- c) que tenha o beneficiário mais de 3 anos de efetividade na Associação;
- d) que prove não dispôr de outros meios de subsistência, sinão os provenientes do seu cargo de professor.

Parágrafo único. No caso de falecimento do sócio, cancelar-se-á o referido débito.

Art. 30. A família do sócio efetivo ou fundador que vier a falecer, depois de cinco anos de associado, provado que o mesmo se achava quites com a Associação, será concedida a importância de quinhentos mil réis, a título de auxílio, para o funeral do respectivo sócio, mediante atestado de óbito.

Parágrafo único. Constituirá prova de quitação o certificado fornecido pela tesouraria da Associação ou a apresentação do último recibo.

CAPÍTULO VIII

Da administração

Art. 31. A Associação dos Professores Primários será administrada, gratuitamente, por um Conselho composto de 27 membros, eleitos pela Assembléa Geral, e dos quais, cinco, eleitos pelo próprio Conselho, constituirão a Diretoria, cuja jurisdição se estenderá por todo o Estado.

Art. 32. O Conselho reunir-se-á bi-mensalmente em sessão ordinária, para tratar de todos os casos de sua atribuição, podendo reunir-se em sessão extraordinária a convite do Presidente, ou mediante requerimento assinado por nove conselheiros, pelo menos, discriminando o motivo para que é requerida a sessão.

Art. 33. Para que o Conselho se declare em sessão é necessário comparecerem, no mínimo, 14 conselheiros (metade e mais um).

Art. 34. Ao Conselho, em sessão ordinária, compete:

- a) tomar contas, trimestralmente, ao tesoureiro;
- b) resolver sobre a admissão e eliminação de sócios, de acordo com os artigos 6.º e 14, dos presentes estatutos;
- c) nomear substitutos para os membros da Diretoria;
- d) tratar de todas as medidas ordinárias e extraordinárias tendentes à prosperidade da Associação;
- e) julgar dos fatos do Presidente quando exorbitar das suas atribuições ou faltar ao cumprimento dos presentes estatutos, aplicando-lhe as penalidades constantes do art. 14;
- f) resolver todas as questões de que não cogitarem estes estatutos.

Art. 35. Quando o Conselho se reunir para deliberar sobre assunto que já tenha qualquer despacho do Presidente, a sessão será presidida por seu substituto legal.

Art. 36. Nenhum membro do Conselho ou da Diretoria poderá ser reeleito, além de dois exercícios consecutivos.

CAPÍTULO IX

Das atribuições dos membros da Diretoria

Art. 37. Nos estabelecimentos de ensino no interior do Estado, a Associação terá um representante escolhido ou eleito pelos sócios ali existentes. A esse delegado compete:

- a) fazer a inscrição dos professores que desejarem pertencer à Associação e remetê-la à Diretoria em Belo Horizonte, para a expedição dos respectivos diplomas;
- b) representar a Diretoria sobre as necessidades e interesses dos sócios sob sua responsabilidade;
- c) interessar-se para que eles gozem de todos os benefícios concedidos pela Associação, quer na Capital do Estado quer em outras localidades, onde ela disponha de meios beneficentes;
- d) trazer os sócios sempre a par dos movimentos e atividades da Associação, cientificando-os das determinações da Diretoria;
- e) verificar se os sócios estão quites com a Associação.

Art. 38. A Diretoria reunir-se-á mensalmente.

Art. 39. Ao Presidente, que é o poder executivo e o legal representante da Associação, compete:

- a) convocar, por intermédio do 1.º secretário, as sessões ordinárias e extraordinárias, quer do Conselho, quer da Assembléa Geral;
- b) abrir e encerrar as sessões e dirigir os seus trabalhos;
- c) examinar os trabalhos a serem apresentados nas reuniões pedagógicas e assembléas;
- d) cumprir e fazer cumprir rigorosamente as disposições dos estatutos;
- e) respeitar as decisões do Conselho;

- f) representar a Associação em Juízo e fora dele;
- g) autorizar o pagamento das despesas, assinando cheque juntamente com o tesoureiro;
- h) abrir e rubricar os livros da Associação;
- i) defender os interesses da Associação;
- j) exigir de seus auxiliares informações constantes de todo o movimento do serviço, cujo desempenho lhes esteja afeto;

à) propôr imediatamente a eliminação do sócio que por abuso de confiança, praticar qualquer ato em nome da Associação, mediante provas irrefutáveis;

l) negar sanção a qualquer resolução do Conselho ou da Assembléa Geral, apresentando, em sessão extraordinária da mesma Assembléa, para êsse fim convocada, as razões que o levaram a assim proceder.

m) se tiver ciência de qualquer fato cuja gravidade traga prejuízo material ou moral à Associação, convocar imediatamente uma sessão extraordinária do Conselho e comunicar a ocorrência, pedindo providência no sentido de fazer cessar o mal;

n) ser o responsável direto para com a Associação, como executor dos estatutos, pelos seus atos e os da administração;

o) representar pessoalmente a Associação, nas solemnidades a que ela deva comparecer, ou designar outro membro da Diretoria, para êsse fim;

p) nomear a comissão de sindicância, composta de três membros.

Art. 40. Compete ao Vice-Presidente:

a) substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos, assumindo suas atribuições e responsabilidades.

Art. 41. Compete ao 1.º Secretário:

a) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;

b) anunciar, pela imprensa, o dia, hora e local das sessões, por ordem do Presidente;

c) redigir, assinar e expedir a correspondência oficial da Associação;

d) receber toda a correspondência da Associação e apresentá-la ao Presidente, para despacho;

e) receber e conservar, em boa ordem, todos os papéis da Associação;

f) fazer toda a escrituração com a máxima clareza;

g) protocolar os papéis, officios, correspondência, projetos, etc., quer recebidos, quer expedidos, fazendo uma sumula dos mesmos.;

Art. 42. Compete ao 2.º Secretário:

a) substituir o 1.º secretário em suas faltas e impedimentos;

b) fazer a minuta do ocorrido nas sessões, quer do Conselho, quer da Assembléa Geral, para redação das respectivas atas;

c) enviar ao sócio o seu diploma de associado;

d) fazer ao sócio eliminado a devida comunicação, dando disso ciência ao tesoureiro e a todas as fontes de beneficência da Associação;

e) matricular os sócios, pela ordem de suas admissões.

Art. 43. Compete ao Tesoureiro:

a) fazer, com toda a clareza e boa ordem, a escrituração financeira da Associação, para o que terá os livros necessários;

b) receber, contra recibo, a quantia arrecadada mensalmente;

c) depositar integralmente, em banco ou estabelecimento de crédito equivalente escolhido pela Associação, as quantias recebidas;

d) apresentar bi-mensalmente, ao Presidente, uma lista dos sócios; atrasados em suas contribuições, para que esse providencie a respeito;

e) fazer com a devida autorização do Presidente, os empréstimos e donativos, de acôrdo com os artigos 18, 19 e 20;

f) conferir as contas a serem pagas;

g) apresentar, trimestralmente, ao Presidente, em

sessão ordinária do Conselho, um balancete geral do movimento financeiro da Caixa;

h) assinar cheque, juntamente com o Presidente, fazendo, por esse meio, todos os pagamentos de empréstimos, donativos e despesas gerais;

i) ao tesoureiro, será facultado contratar um cobrador, sob sua responsabilidade, ao qual atribuirá uma pequena percentagem.

CAPITULO X

A Diretoria. O Conselho. As eleições

Art. 44. A Diretoria será eleita dentre os 27 membros que formam o Conselho, oito dias após sua eleição.

Parágrafo único. A posse da Diretoria verificar-se-á oito dias após à sua eleição.

Art. 45. A Diretoria será eleita bianualmente pelo Conselho, em reunião convocada com antecedência mínima de três dias, para esse fim especial.

§ 1.º. Nessa reunião, que será presidida pelo membro do Conselho que for para isso escolhido na ocasião, e à qual poderão assistir os membros da Diretoria em exercício, na época da eleição, a escolha da Diretoria se fará por voto secreto, mediante maioria simples.

§ 2.º. A eleição para cada um dos cargos da Diretoria se fará em separado, mediante votação secreta, sendo eleitos os que contarem maioria de votos.

Art. 46. Essas eleições se farão antes da terminação do mandato, oito dias, devendo convocar-se pela imprensa, com larga antecedência, a Assembléa Geral.

Parágrafo único. Tais eleições não serão convocadas em tempo de férias ou de afastamento obrigatório da Capital de número apreciável de votantes.

Art. 47. A eleição presidida pela Diretoria se fará em escrutínio, contendo 27 nomes diferentes, entre os quais, por maioria simples, o Presidente proclamará os votados.

Parágrafo único. Não serão admitidas as eleições por aclamação, nem as votações nominais.

CAPITULO XI

Das Assembléas Gerais

Art. 48. A Assembléa Geral reunir-se-á semestralmente, em maio e novembro, para tomar conhecimento dos assuntos de sua atribuição, previstos nestes estatutos.

Art. 49. A Assembléa Geral incumbem:

- a) tomar conhecimento dos relatórios da Diretoria;
- b) eleger os membros do Conselho;
- c) discutir projetos que afetem grandemente os interesses da Associação e da classe;
- d) rever anualmente os estatutos, fazendo neles as modificações que a experiência sugerir.

Art. 50. A Assembléa Geral reunir-se-á em sessão extraordinária, sempre que for convocada pelo Presidente, ou mediante requerimento assinado por 20 sócios, e funcionará com a maioria de associados residentes nesta Capital.

CAPITULO XII

Das sessões — Disposições gerais

Art. 51. As reuniões do professorado realizar-se-ão às primeiras quintas-feiras de cada mês, na séde da Associação, e em hora previamente designada pelo Presidente.

Art. 52. E' expressamente proibido qualquer discurso de caráter político ou pessoal no seio da Associação.

Art. 53. O Presidente velará para que durante os trabalhos seja observado o silêncio necessário, chamando à ordem o sócio cujo procedimento julgue inconveniente.

Art. 54. Nas sessões extraordinárias, previamente anunciadas, só serão discutidos os assuntos para que tenham sido as mesmas convocadas.

Art. 55. E' permitido o voto por procuração, não podendo, porém, cada sócio ter mais de uma.

Art. 56. Os membros da mesa não poderão discutir e nem apartear, devendo, se o quizerem fazer, passar seu lugar a um substituto para êsse fim único. Poderá o Presidente, entretanto, falar para responder ligeiramente a alguma interpelação e defender-se de qualquer acusação sobre a direção dos trabalhos.

Art. 57. Nos casos omissos nestes estatutos, a Diretoria resolverá de acôrdo com o Conselho.

Art. 58. Fica criado o cargo de Presidente de Honra.

Parágrafo único. Farão jús ao lugar de Presidente de Honra, as pessoas que já tiverem ocupado cargo na Diretoria e, em sua gestão, prestado serviços de relevante importância.

Art. 59. Aprovados os presentes estatutos, entrarão em vigor, depois de registrados e publicados no "Minas Gerais".

Art. 60. Revogam-se as disposições em contrário.

NOTA — Para o primeiro preenchimento dos cargos do Conselho, a Assembléia Geral será presidida por qualquer de seus membros escolhidos na ocasião para tal fim, devendo êsses membros promover a votação para a primeira Diretoria.

Verificados os eleitos por maioria simples, serão empossados oito dias após sua eleição.

Proceder-se-á de acôrdo com o que ficou estatuído nos arts. 34 e 35 a eleição da primeira Diretoria.

Não se farão eleições, mesmo existindo vagas, desde que estas se verifiquem um trimestre antes da época fixada para renovação.

Neste caso, a Diretoria indicará para suplente o sócio mais votado na última eleição, afim de funcionar até a extinção do mandato.

NOTA — Os estatutos foram registrados e as emendas anotadas em cartório.

Origem: Doação